

Por que ainda ser cristão?

Editorial

Ao final de 40 edições em 2006, tratando dos mais diferentes e complexos temas que dizem respeito à integralidade da vida humana e da Terra, a revista *IHU On-Line* propôs a seguinte questão para várias pessoas: Por que ainda sou cristão? Assim, nesta última edição do ano, ao invés de entrevistas, publicamos depoimentos e testemunhos.

Da sua maneira, cada entrevistado mostrou a importância da fé e do cristianismo, afinal como diz o filósofo **Álvaro Valls**, docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos: “O cristianismo, descontados os desvios que sempre ocorrem na história dos homens, é uma mensagem do convívio fraternal”.

O Prof. Dr. **Faustino Teixeira**, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora disse que o que mantém acesa a chama cristã em seu coração é o permanente desafio de buscar acessar a dimensão de profundidade do cristianismo. Já o renomado teólogo brasileiro **Leonardo Boff** acredita que o cristianismo, bem como as religiões, não querem substituir a ciência e a técnica. “Estas atendem a necessidades nossas, mas são mudas e cegas quando se trata de definir o sentido

da vida.” **Martin Dreher**, professor no Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, disse: “O ‘hoje’ necessita mais do que nunca do Cristo!”.

Plínio de Arruda Sampaio, militante histórico da esquerda brasileira, diz que ser cristão é engajar-se, “na mesma tarefa que Ele (Jesus Cristo) veio realizar: a construção do Reino de Deus - uma sociedade baseada na justiça e na misericórdia.”

Ainda nesta edição temos entrevistas com o francês **Didier Long**, ex-monge beneditino e hoje diretor de uma empresa, o italiano **Rosino Gibellini**, teólogo, e **João Batista Libânio**, teólogo jesuíta, e o Prof. Dr. **Paulo Soethe**, professor na Universidade Federal do Paraná.

Agradecemos a todas e todos que acompanharam a trajetória da revista neste seu quinto ano de circulação, dando sugestões, apontando falhas e erros, animando a busca de novas rotas.

A revista, acompanhando as férias acadêmicas, voltará a circular na primeira segunda-feira do mês de março, ou seja, no dia 5 de março de 2007.

A todas e todos um Feliz Natal e um Ano de 2007 com muita saúde e paz, ótimas férias e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Álvaro Valls: Cristianismo, uma mensagem de convívio fraternal

PÁGINA 09 | Didier Long: A fé é a experiência íntima do ser amado por Deus

PÁGINA 14 | Faustino Teixeira: O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo

PÁGINA 18 | Leonardo Boff: Manter viva a chama interior, desafio do cristianismo

PÁGINA 21 | Luiz Filipe Pondé: A fé é dada pela Graça

PÁGINA 23 | Martin Dreher: “O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé”

PÁGINA 27 | Plínio de Arruda Sampaio: “Temos mais razões para ser cristãos hoje do que em outras épocas”

PÁGINA 28 | Rosino Gibellini: “A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo”

PÁGINA 33 | João Batista Libânio: “A fé é a entrega radical a Deus”

PÁGINA 39 | Paulo Soethe: Sobreviver e conviver

B. Destaques da semana

» ENTREVISTA DA SEMANA

PÁGINA 43 | Alessandro Pinzani: Os rumos do republicanismo

FILME DA SEMANA

PÁGINA 50 | C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor

PÁGINA 53 | TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 55 | FRASES DA SEMANA

PÁGINA 57 | DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 59 | A CONJUNTURA DA SEMANA

C. IHU em Revista

PÁGINA 64 | Eventos

PÁGINA 65 | IHU Repórter

Cristianismo, uma mensagem de convívio fraternal

ENTREVISTA COM ALVARO VALLS

Para o filósofo Álvaro Valls, docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos, um dos motivos para ser cristão no século XXI é que “cada um de nós deve fazer a sua opção, se prefere tentar viver uma vida para o amor e o perdão, ou para curtir a raiva, o ressentimento e o ódio, a ganância, a ambição desenfreada e a busca incessante do prazer. Amor não é só um sentimento, mas é também um mandamento, um dever sagrado”. E continua: “O cristianismo, descontados os desvios que sempre ocorrem na história dos homens, é uma mensagem do convívio fraternal, antes de se constituir numa instituição de poder universal”. Em sua opinião, mais do que uma doutrina, no sentido teórico, a mensagem de Jesus é uma “mensagem de vida, deixando-nos uma mensagem existencial”. As afirmações podem ser conferidas, na íntegra, no depoimento que segue, enviado por e-mail à IHU On-Line.



Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, da Alemanha, com a tese O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard, Valls é autor dos livros O que é ética. São Paulo: Brasiliense, 1986; Da ética à bioética. Petrópolis: Vozes, 2004. É o tradutor e organizador da obra Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado - Aforismos, novelas e discursos, de Sören Kierkegaard. Porto Alegre: Escritos, 2004, da qual a edição 123 da IHU On-Line, de 16-11-2004, publicou a orelha do livro. A obra foi apresentada no Sala de Leitura nessa mesma data. Sua contribuição mais recente à IHU On-Line aconteceu na edição 175, de 10-04-2006, quando concedeu a entrevista Paulo e Kierkegaard. Nas Notícias Diárias do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 16-11-2006, concedeu a entrevista Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho, na qual comenta sobre sua recente indicação à presidência da Anpof na gestão 2007-2008.

Por que ser cristão hoje

Só o fato de que muitos deixaram de ser cristãos nos últimos 150 anos (depois, aliás, da crítica de Kierkegaard¹ à crmandade), não basta para nos levar a abandonar a fé de nossos pais. Mas, dito de modo positivo, há no quarto evangelho, no capítulo 13, 34-35, uma boa razão: “Amam-vos uns aos outros como eu vos amei. Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se vos

¹ Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10 de abril de 2006, da *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

amardes uns aos outros.” Ou seja, cada um de nós deve fazer a sua opção, se prefere tentar viver uma vida para o amor e o perdão, ou para curtir a raiva, o ressentimento e o ódio, a ganância, a ambição desenfreada e a busca incessante do prazer. Amor não é só um sentimento, mas é também um mandamento, um dever sagrado. Uma religião do amor, baseada nas palavras do profeta da Galiléia, e transmitida com todas as falhas humanas que a história de nosso gênero relata, não é incompatível com uma visão de mundo secularizada, ou seja, onde não há espaços sagrados separados dos profanos. Ora, a técnica e a ciência, se não são neutras, pelo menos são bastante relativas, podendo ser usadas para o bem ou para o mal. Já uma economia centrada só no lucro, na ganância, no aumento da riqueza e do poder de pequenos grupos, não é neutra, e precisa ser infiltrada por uma inspiração religiosa que busque aumentar o espaço do amor.

Por que acreditar em Jesus

Creio que podemos repetir, com São Pedro, que só Jesus tem palavras de vida eterna. Então, sendo assim, a quem iremos? A Marx², a Freud³, a Darwin⁴, a Einstein¹, a

² Karl Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro.

Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8 de maio de 2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*. A Edição 207 abordou o tema *Freud e a Religião* (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Charles Darwin (1809-1882): Naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30 de novembro de 2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a*

Hegel², a Nietzsche³? Não seria melhor e mais correto reconhecer que os diversos cientistas e filósofos trouxeram contribuições mais ou menos importantes para compreendermos aspectos da realidade, mas que também, quando se trata da pergunta pelo sentido da vida, não há comparação? A fé não se baseia em argumentos, pois estes apenas servem numa propedêutica, para mostrar onde está o lugar em que é preciso parar e decidir se queremos crer ou nos escandalizar, - pois estas são as duas opções, apesar de

preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à *IHU On-Line* 166, de 28 de novembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX.: Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimaraes, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

todas as grandes sínteses. Por sua vez, nem Maomé⁴, nem Confúcio⁵, nem Buda⁶ me tocaram mais do que a vida e o ensinamento do Nazareno.

⁴ **Muhammad, Muḥammad (Maomé)**: Líder religioso e político árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Confúcio** (551 a.C. - 479 a.C.) é o nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. Foi a figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência não apenas sobre a China mas também sobre toda a Ásia oriental. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Buda**: é um título dado na religião budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. "A verdadeira natureza dos fenômenos", aqui, quer dizer o entendimento de que todos os fenômenos são impermanentes, insatisfatórios e impessoais. Tornando-se consciente dessas características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. (Nota da *IHU On-Line*)

O mistério da Trindade

O mistério da Trindade, em que se deve crer, às vezes, é muito mal-apresentado por padres ou catequistas que se reduzem a paradoxos aritméticos mirabolantes, jogando com os números um e três, daí não saindo nada. Uma das vantagens da religião trinitária é que afirma a ação do Espírito Santo, tão negligenciado entre os católicos. A grande questão, que me faz refletir todo o tempo, é a da ressurreição do Salvador, pois se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé, como já o dizia Paulo¹.

¹ Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas

E então seríamos, malgrado as apostas de Pascal², as criaturas mais dignas de lástima. Porém, se ele ressuscitou, temos uma vida eterna e pessoal, de alguma maneira, pela frente, depois desta curta existência.

(grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

² Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da *IHU On-Line*)

Convívio fraternal

O cristianismo, descontados os desvios que sempre ocorrem na história dos homens, é uma mensagem do convívio fraternal, antes de se constituir numa instituição de poder universal. Esta verdade ensinou e viveu, recentemente entre nós, um Dom Luciano Mendes de Almeida³, bispo e jesuíta (e dos bons) ou, há poucos anos, mais distante de nós, Madre Tereza de Calcutá. Viver para fazer o bem, como antigamente Francisco de Assis, não é hoje em dia um posicionamento trivial, e sim

³ Dom Luciano Mendes de Almeida é jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, IHU On-Line publicou uma entrevista na 24ª edição, de 1º de julho de 2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24 de novembro de 2003, e outro artigo na 95ª edição, de 5 de abril de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

fruto de uma escolha, uma conversão (metánoia). Mas temos de ter clareza sobre um fato, que já a Igreja pós-concílio (Vaticano II) reconheceu: os católicos vêm perdendo o contato com o povo, sem reconquistar um espaço no mundo da cultura atual. O messianismo demagógico, que identifica sem mais a mensagem de Cristo com um partido político mais popular (ou com uma política populista, lembrando Mussolini), voltou nos últimos anos, repetindo a ação dos católicos dos tempos do Integralismo, mas não passa de uma tentativa desesperada, que não nasce da fé e da esperança. As lições de Jesus Cristo continuarão sempre um escândalo e uma loucura: não substituem simplesmente os estudos sociais.

Quanto aos animais não-humanos, uma dissertação defendida em nosso mestrado mostrou que o conceito de

“próximo”, enfatizado por Kierkegaard, ou do “outro”, por Levinas¹, bem poderiam ser aplicados de várias

¹ Emmanuel Levinas: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor do livro que o consagrou *Totalité et infini. Essai sur l’extériorité* que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil, a Editora

maneiras aos seres vivos que nos rodeiam. E na perspectiva franciscana, também para a natureza circundante: a criação, que de algum modo também espera pela salvação.

Perspectiva, publicou *Quatro leituras talmúdicas*, em 2003, e a Editora Vozes, *De Deus que vem a idéia*, em 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

A complementaridade da fé e da razão

Fé e razão são complementares, por isso muitos doutores da igreja falaram da fé, buscando o conhecimento, e do conhecimento buscando a fé. Santo Agostinho é um pensador atual, depois de um milênio e meio. E se um pensador como Nietzsche ataca violentamente o cristianismo, sempre se pode aprender com ele e com as partes de verdade que há em suas críticas, mas também podemos ler Dostoiévski², para ver como é possível ser cristão apesar dos nossos tempos. O convívio com os cientistas seria muito facilitado, em todo caso, se certas autoridades eclesásticas não opinassem

² Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a *IHU On-Line* edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da *IHU On-Line*)

tanto sobre assuntos que ignoram completamente, ou que conhecem superficialmente. A ética e a moral estruturam seus discursos, de certo modo, *a posteriori*, ou seja, refletem, com base nos grandes princípios e mandamentos, sobre os casos que vão surgindo (às vezes inéditos). Interditos apriorísticos em geral só atrapalham, e havia um grande mérito na verdadeira casuística (que depois se tornou expressão pejorativa): o cuidado com os detalhes concretos, para o que, aliás, a ciência certamente pode ser indispensável. Os próprios escolásticos, antigamente, gracejavam entre si: “Se tivesses estudado melhor a teologia, não dirias tais coisas”.

Paulo de Tarso e o Cristianismo

Paulo de Tarso foi um tipo genial, um intelecto espantosamente produtivo, e não é totalmente errada a afirmação de Nietzsche de que foi ele que “inventou” o cristianismo; ou ao menos teríamos de estranhar quando, ainda hoje, um livro de moral cristã dedica metade de suas páginas ao ensino de Jesus e a outra metade (!) ao

de Paulo de Tarso. E por que toda missa tem que ter, antes da leitura dos Evangelhos, também uma das epístolas, quase sempre (ao menos supostamente) de Paulo? Será que ainda se pode dizer então que, como apóstolo, Paulo apenas transmitiu a mensagem, ou ele de fato a refundiu numa síntese grandiosa, eclipsando os

outros apóstolos, como Pedro, Tiago ou até mesmo o discípulo amado? Mas tudo bem, em vez de apenas criticarmos as epístolas, não seria o caso de lermos com mais atenção os quatro evangelhos, meditando sobre o

sermão da montanha, tão descurado em nossa política ocidental?

Os desafios do cristianismo no século XXI

O grande desafio do cristianismo é sempre o mesmo: ser vivido na prática. Jesus não era um professor a ensinar uma teoria, ou um pensador a esboçar um sistema, aberto ou fechado. Veio para trazer a vida, e vida em abundância. Mais do que uma doutrina, no sentido teórico, o que fez foi pregar, com as palavras e o exemplo, uma mensagem de vida, deixando-nos uma mensagem existencial. Não consta que ele tenha feito uma verificação escrita sobre os ensinamentos do sermão

da montanha, ou que mandasse os discípulos analisarem criticamente as parábolas. O Evangelho fala outra linguagem: “Vai e faze o mesmo!” O que mais interessa é portanto a dimensão pragmática. Ou, conforme aquela outra tese: não basta interpretar, é preciso transformar o mundo em que vivemos. Rumo à comunidade dos santos, dos filhos de Deus (sem esquecer que a Igreja triunfante não pertence a esta terra, onde se esforça a Igreja militante).

A fé é a experiência íntima do ser amado por Deus

ENTREVISTA COM DIDIER LONG

Didier Long, 40 anos, foi monge beneditino durante dez anos. Artista plástico, é hoje chefe de uma empresa, após ter sido consultor em McKinsey. Seu site pessoal é www.didierlong.fr

*Ele aceitou conceder uma entrevista por e-mail para a IHU On-Line, na qual fala da experiência de viver como monge e passar a ser marido e pai de família. Ele é autor de diversos livros, dentre os quais citamos o mais recente *Pourquoi nous sommes chrétiens*, sobre o qual ele também fala em suas respostas. Confira a visão que esse cristão tem ao argumentar sobre sua fé.*



As razões para ainda ser cristão na sociedade da tecnologia e da ciência

As ciências e as tecnologias não são contrárias à fé. Elas nasceram da razão humana. Esta razão, este “verbo” designa a capacidade de abstração que possui o estranho animal chamado homem. Esta faculdade de simbolização ligada à linguagem permite fabricar um avião em três meses, enquanto a história da evolução levou milhões de anos para que os pássaros voassem. As ciências e as tecnologias podem ajudar a combater a doença, a morte, o sofrimento. Elas são “boas” no sentido em que o Gênesis diz: “E Deus viu que isto era bom”.

O processo de “modernidade” é este lento trabalho da razão ocidental, que permitiu ao homem controlar a natureza pela ciência e pela tecnologia. Quem gostaria de voltar atrás? Ao tempo da vela e da carroça? O “velho bom tempo” é, sem dúvida, uma ilusão. O problema, como destacam pensadores como Adorno, é que a razão operacional que organiza toda nossa existência, colocando cada coisa em seu devido lugar, parece em seguida ter controlado o próprio homem no século XX. Corremos o risco de nos tornarmos marionetes de

sistemas oriundos da razão operacional: a globalização, as trocas financeiras mundiais, as crises econômicas, os desajustes climáticos, o esgotamento dos recursos fósseis do planeta, que ninguém mais parece controlar.

Entretanto, ninguém se satisfaz em ser uma função. Não somos coisas. A questão mais exata é, então, como encontrar a esperança neste mundo desencantado de seus deuses no qual o homem tem cada vez menos lugar? O que é o homem na verdade? E é aí que a fé pode nos ajudar. A fé não diz como ir ao céu. Para isso, existem boas companhias aéreas... E, que eu saiba, as igrejas não querem ser concorrentes! Mas, por que ir ao céu? A fé questiona o sentido de tudo isso. “Os céus proclamam a glória de Deus” como diz um salmo, mas é uma afirmação poética. Parece-me, então, que pode existir uma visão humanista, uma paixão por este mundo, pelas ciências e as tecnologias, que é acompanhada de uma reflexão sobre seu poder de liberação do homem. Como ser verdadeiramente humano?

A fé em Jesus, no Deus Uno e Trino, na ressurreição e na segunda vinda do Cristo

Não há argumento para crer. A fé não é da ordem da razão e da inteligência, nem uma receita. É a experiência íntima do ser amado por Deus. Essa experiência de ser seu filho e sua filha que cada um de nós pode fazer simplesmente “se recolhendo em seu secreto”, como diz o evangelho: “Teu pai te vê no teu secreto...”, encontrando-se no fundo de seu coração. A fé é como o amor, ela é sensível, experimental. Quanto mais se acredita, mais se compreende e quanto menos se acredita, menos se compreende. Assim sendo, podemos, em seguida, refletir sobre tudo isso para tentar compreender. O que pensar de um lugar onde faz noite a metade do tempo e onde toda vida se estagna, apodrece e morre? Pode-se de fato ter esta terra como único horizonte? A realidade é que somos projetados desde o nosso nascimento nesta terra hostil, onde a morte é mais provável que a sobrevivência. Seja lá o que fizermos, a vida humana é um combate perdido por antecipação, cada dia que passa nos aproxima da morte. O homem é talvez este deus que ele acredita, mas a humanidade não

pode ser nada além de uma fina camada de mofo na superfície de uma laranja azul! O horizonte no qual vivemos é o caos, e a fé nos ajuda a não nos desesperarmos. Tudo isto tem uma razão de ser, tem um sentido.

Esta meditação “atéia” da realidade pode nos ajudar a nos seguramos às únicas coisas que finalmente ficam: a amizade, o amor, e tudo o que já nos permite experimentar um pouco da eternidade. Tudo o que não damos está perdido. É a verdadeira lógica da vida. Esta lógica de doação que é o coração da vida, seu motor, nos mantém no ser a cada instante e este motor não morre. A fé é então uma boa aposta! A Trindade é uma maneira um pouco complicada de contar esta troca gratuita de amor e doação, este desinteresse total ao coração de Deus.

Os valores do cristianismo e as lições de Jesus

Parece-me que é uma verdade que temos dificuldades de aceitar: a perfeição que proclama o cristianismo é que a vida cristã é somente uma vida humana, uma humanidade realizada em plenitude. É o que os primeiros gregos que se tornaram cristãos tiveram mais dificuldades em admitir. Que Jesus seja Deus causava menos problemas no mundo antigo, no qual os ancestrais eram divinizados e adorados. Entretanto, que Deus tenha se tornado homem era um escândalo insuportável. Esta humanidade de Deus era tão difícil de ser aceita que as assembleias de administradores diocesanos, os concílios, vão levar quatro séculos para defini-la contra Marcio, Valentin e outros docentes que diziam que Deus não

havia verdadeiramente sofrido neste mundo, que ele era mais Deus do que homem... “A glória de Deus é o homem vivo” dirá Irenée de Lyon, acrescentando também “a vida do homem é de ver Deus”. A camaradagem com Cristo não nos instala então em um céu desumano que correria o sério risco de ser somente a projeção de nossos sonhos ilusórios, tudo o que não somos ou sonhamos ser: poderosos, belos, ricos... Deus nos acolhe em nossa miséria e não no que acreditamos ser nossa grandeza, é uma bofetada para nossas maneiras habituais de pensar, e isso nos liberta de nossos velhos ídolos cansados.

Para sermos mais humanos

Este cuidado de Deus com nossa fraqueza que é manifestado por sua morte na cruz, seu perdão, sua presença misteriosa no próximo que vem a nós em sua fragilidade e sua miséria, deveria fazer de nós, seres infinitamente humanos. De um cuidado do qual somos incapazes por nossas próprias forças e que todos os seres vivos compreendem, acreditando ou não. Fomos

acolhidos neste mundo, braços nos carregaram, fomos alimentados, caminhamos em estradas que não construímos. A vida carrega todos os vivos e somos seus hóspedes de passagem... Acreditando ou não, todos os seres vivos compreendem intuitivamente o que é o amor.

Quais são os maiores desafios do cristianismo para o século XXI?

O grande desafio para o cristianismo no século XXI é o encontro de outras culturas e religiões. É claro que as religiões não esperaram a globalização para proclamar a “Boa Nova”, por meio do mundo inteiro, ou seja, a universalidade não data do século das luzes, mas o que é novo é que o próprio mundo “encolheu”. As trocas que se

faziam em torno do globo pelos oceanos em vários meses, se seguiram em avião em algumas horas e pela internet em uma fração de segundos. Estamos então todos infinitamente próximos e as civilizações e culturas muito antigas são desestabilizadas por este fenômeno. Quem se lembra de sua cidade, de suas fontes sagradas,

da badalada noturna, dos lugares mágicos onde uma vovó cantava desafinada no barulho infernal das megalópoles trepidantes? O grande desafio do cristianismo é o de não deixar populações inteiras desorientadas, perdendo suas antigas referências éticas nos diversos fundamentalismos. O grande desafio é de chegar a traduzir nossa fé, nossa crença, no cuidado de Deus

humano em suas palavras, desta globalização como se fez em todas as gerações antes de nós. O crescimento geográfico da Índia e da China, o encontro com o Islã, são os grandes desafios mundiais que o Cristianismo vai encontrar.

A passagem do monastério para a vida familiar e o mundo virtual

A passagem do monastério em McKinsey para a tecnologia Internet é um pouco a passagem de um monastério aos jesuítas do capitalismo, aos *nerds* da Silicon Valley! Para resumir: após uma juventude agitada, me tornei cristão aos 16 anos. Uma vez que Deus era Deus, decidi dar-lhe minha vida, o que era o mínimo. E me tornei monge beneditino na Abadia de “La Pierre-Qui-Vire”, na Borgonha, um monastério perdido na floresta. Encontrei pessoas formidáveis, verdadeiros filhos de Deus. Esta comunidade austera (cair da noite, silêncio, a vida monástica, nada de carne e vinho...) me estruturou espiritualmente e humanamente durante dez

anos. Como eu era responsável pela editora do monastério, fizemos um Cd-rom sobre a arte romana. Uma jornalista do jornal televisivo veio fazer uma reportagem e me apaixonei por ela. Então deixei a vida monástica. Como as tecnologias online chegavam a Europa, decidi continuar meu caminho e tornei-me consultor em McKinsey e após montei meu próprio escritório de consultoria. Em alguns anos, passei então da Idade Média ao terceiro milênio. Tentei ir até o final das coisas. Deus nunca me abandonou.

O livro *Pourquoi nous sommes chrétiens*

Em *Pourquoi nous sommes chrétiens* tento descrever por meio de meu percurso o que encontrei saindo de minha vida monástica: a acédia, a falta de empatia e de carinho na qual vivemos, o consumo como único horizonte, o capitalismo que se esvazia de seu ideal, a democracia e o debate político largados ao pensamento único, o mundo do trabalho que se preenche de palavras vazias, o cinismo ambiente que destrói as raízes de nosso desejo e nos faz ansiar pela felicidade. Todos esses elementos que cavam pouco a pouco a “era do nada”.

“Nada” é a palavra da acédia. Esta doença da alma que experimentavam os monges que partiam para viver nos desertos do Egito no século. A acédia, a doença da alma que torna o corpo pesado como uma pedra e faz crer ao meio-dia que o dia vai durar ainda cinquenta horas: o demônio do meio-dia. Se quisermos compreender porque nosso desejo e nossa civilização, que chegaram a seu apogeu, estão em pane, devemos reler as tradições espirituais e filosóficas que fundaram o Ocidente.

Quem somos nós? Em que acreditamos?

Quem somos nós? Os herdeiros de uma civilização muito particular herdada da fé na palavra judia, o dever que realiza o que é dito: “Que a luz se faça!” e da clareza do logos grego. Os lares da palavra sintetizados na razão cristã medieval produziram crenças que carregamos - crendo ou não. Elas nos integram em uma civilização muito original. Em que acreditamos? Ao mesmo tempo na palavra dada, no respeito absoluto do outro e de sua vida, na igualdade de todos os homens sejam quais forem suas convicções, na igualdade do homem e da mulher, no sentido do trabalho, na

fraternidade de todos os seres humanos, no sentido da história.

A acédia em que vivemos não é então um fim. Esta crise é uma chance de ultrapassar uma etapa, de reinventar nossos valores vitais. Nossa civilização conheceu nas etapas-chaves de seu desenvolvimento, dos renascimentos, buscando em suas próprias fontes: Renascimento da Idade Média, Reforma e nascimento do capitalismo... Esta reinvenção de nossas raízes é coletiva, mas sobretudo individual. Ela é uma arte de viver o cotidiano. A “moral” é primeiramente uma arte da felicidade.

O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo

ENTREVISTA COM FAUSTINO TEIXEIRA

Entrevistamos por e-mail o Prof. Dr. Faustino Teixeira, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais. Faustino Luiz Couto Teixeira é teólogo, pesquisador do ISER-Assessoria do Rio de Janeiro e consultor da Capes. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, doutor em Teologia pela mesma universidade, com tese intitulada A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil, mestre em Teologia, pela PUC-Rio, com a dissertação A gênese das comunidades eclesiais de base no Brasil e graduado em Filosofia e em Ciências da Religião pela UFJF. Entre suas obras publicadas, destacamos: A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil. São Paulo: Loyola, 1987; A gênese das CEBs no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1988; Teologia da Libertação: Novos desafios. São Paulo: Paulinas, 1991. Ele é organizador do livro No limiar do mistério. Mística e Religião. São Paulo: Paulinas. 2004, e acaba de lançar mais uma obra por ele organizada, intitulada Nas teias da delicadeza. Itinerários místicos (sobre a qual pode ser lido um texto no blog do IHU: www.unisinos.br/ihu, em 6-12-2006. Dele publicamos um artigo na 131ª edição, de 7 de março de 2005, sobre o temor do reconhecimento da alteridade, uma entrevista na 133ª edição, de 21 de março de 2005, sobre o tema Mística comparada e uma entrevista na 162ª edição, de 31 de outubro de 2005, sobre o livro de John Hick, Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões. São Paulo: Attar, 2005. Para saber mais sobre Faustino Teixeira, conferir a entrevista publicada no sítio www.unisinos.br/ihu, dia 16-12-2005. Saiba por que Faustino ainda segue o cristianismo:



As razões de ainda seguir o cristianismo em uma sociedade secularizada

Vivemos um momento muito particular na vida do cristianismo. Não há como escamotear a crise desta tradição religiosa em determinados contextos, como a Europa, quando o cristianismo chegou ao final do século XX com apenas 29,98% de adeptos. Comentando o caso francês, o pensador André Comte-Sponville, em livro recém-publicado sobre *O espírito do ateísmo* (Albin Michel, 2006) afirma que um em cada dois franceses hoje é ateu, agnóstico ou sem-religião, e um em cada quatorze é muçulmano. No Brasil, vivemos uma situação bem menos secularizada. O último Censo do IBGE (2000) mostrou a força da presença cristã no País, traduzida na soma dos católico-romanos (73,77%) com os evangélicos (15,44%). São quase 90% de cristãos no Brasil. Mas há que reconhecer um dado que vem chamando a atenção dos analistas, que é o crescimento dos “sem-religião” no Brasil, registrados em 7,28% no último Censo.

Por que ainda ser cristão hoje? O que me motiva, substancialmente, a manter viva a minha fidelidade cristã é o magnífico exemplo de compromisso e santidade que percebo na trajetória de Jesus e no horizonte de vida em plenitude que ele anuncia para nós. Entretanto, tenho plena consciência de que nem sempre historicamente a comunidade cristã conseguiu dar continuidade aos valores que ele apontou como fundamentais para nós. Jesus é portador, para nós cristãos, de uma Presença Espiritual singular. Quando a buscamos captar no tempo e no espaço, contudo, sofremos os efeitos de sua refração. As religiões só conseguem viver a Presença Espiritual de forma

fragmentária, pois são marcadas por ambigüidades e limitações. Isto também ocorre no cristianismo. O que mantém acesa a chama cristã em meu coração é o permanente desafio de buscar acessar a dimensão de profundidade do cristianismo, que está para além de suas formas superficiais.

A “teimosia” em continuar acreditando no cristianismo

Gandhi¹ dizia que a verdade de uma religião está na fragrância de espiritualidade, amor e paz que emana de seus seguidores. É esta fragrância que percebo de forma tão linda em tantos buscadores cristãos, em tantos seguidores simples e humildes e, sobretudo, nos místicos de nossa tradição, que confirmam a minha duradoura teimosia em continuar acreditando no cristianismo. Simone Weil² dizia que o vínculo de amizade com os “amigos de Deus” é o que possibilita manter sempre viva e acesa a secreta mirada em Deus. Mas minha fidelidade ao cristianismo não se dá de forma excludente. Minha experiência cristã é vivida como um desafio de ampliação de sua tenda. Vejo o cristianismo com malhas largas, estando sempre provocado a ampliar a atenção e o olhar, de forma a perceber a força e singeleza da presença universal do Espírito. E os místicos me ajudam muito a vivenciar uma sensibilidade nova, capaz de despertar para a “infinita Realidade que existe dentro de

¹ Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano. (Nota da *IHU On-Line*)

² Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições número 84, de 17 de novembro de 2003, e número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da *IHU On-Line*)

tudo o que é real” (Thomas Merton³). E acredito que nós, cristãos, temos uma responsabilidade especial de destacar no nosso tempo valores essenciais que foram esquecidos ou abafados na lógica de mercado que vigora em nosso tempo: como os valores da hospitalidade, da acolhida, da solidariedade, da cortesia e do respeito à alteridade.

³ Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, foi pioneiro no ecumenismo, no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Fisis, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Fisis, 1999). (Nota do *IHU On-Line*)

As razões para acreditar em Jesus

Para nós, cristãos, Jesus ocupa um lugar fundamental. É o nosso grande referencial axiológico, que abre para nós a porta de acesso ao Mistério sempre maior. Mas nos encanta, sobretudo, o seu exercício de vida e seu testemunho, como podemos vislumbrar nos evangelhos. É isto que provoca a admiração de todos, e não só dos cristãos. É o seu exemplo de compaixão e solidariedade que faz brilhar os olhos de pessoas como Gandhi, Dalai

Lama e Tich Nhat Hanh. Hoje, na teologia cristã, estamos recuperando a profunda dimensão humana de Jesus: sua experiência e mistério. A nossa aproximação da experiência de Jesus nos possibilita focalizar nele muito mais um mistério que dá vida. Daí nossa atenção para o significado de Jesus para nós.

O Jesus que está próximo e presente

Os teólogos asiáticos têm sublinhado a dimensão narrativa das escrituras cristãs, que revelam a existência autenticamente humana de Jesus. Novas imagens são destacadas, como a do Jesus curador, mestre, libertador, guia espiritual, amigo e compassivo. E também de um Jesus que nos lança ao outro de forma inusitada. Para além da “teia das nuvens metafísicas” que embaraçam sua pessoa, há que redescobrir o Jesus que nos está próximo e sempre presente, do Jesus que nos possibilita captar a diafania de Deus em toda parte, que nos faculta perceber a presença de Deus como “eterno crescimento”. O desafio é trazer para nós o Jesus menino que brota do sonho de Alberto Caiero¹: do Jesus que

¹ **Alberto Caiero** (1889-1915): considerado o mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa, apesar de sua pouca instrução. Poeta complexo e enigmático, ligado à natureza, despreza e repreende qualquer tipo de pensamento filosófico, afirmando que pensar retira a visão, não o

mora na nossa “aldeia”, da “Eterna Criança” animada pelo riso, pela esperança e gratuidade. Do “deus que faltava”, do “humano que é natural”, do “divino que sorri e que brinca”. Da “Criança Nova” que nos oferece a mão, mas que abraça também tudo o que existe. A beleza do cristianismo está justamente nisto: em ter no seu centro a presença de alguém que nos envia ao mistério de Deus, e que nos convida a perceber sua fragrância também alhures. A razão de ser de Jesus não está nele mesmo, mas no mistério que ele convoca e envia. E trata-se de um mistério que é plural e multiforme.

permite ver o mundo tal qual ele lhe foi apresentado: simples e belo. Afirma que ao pensar, entra num mundo complexo e problemático, onde tudo é incerto e obscuro. (Nota da *IHU On-Line*)

Os valores do cristianismo para o exercício da convivialidade

Se tomamos por base o núcleo das bem-aventuranças, que é um referencial essencial para a compreensão dos valores do cristianismo, podemos verificar sua grande atualidade para um novo exercício de convivialidade. Fala-se ali na importância da “infância espiritual”, entendida como total disponibilidade para captar a presença do Mistério em toda parte. É o sentido profundo que habita a idéia de ser pobres com espírito. Fala-se também do desafio de ter um coração puro, capaz de acolhida e compaixão; bem como “entranhas de

misericórdia”. São valores fundamentais que devem reger a dinâmica vital de todo cristão. Mas o evangelho nos apresenta outros valores essenciais, como a hospitalidade, a delicadeza, a cortesia e o cuidado. O cristão que busca seguir em fidelidade os ensinamentos e, sobretudo, o testemunho de Jesus, é alguém que assume o desafio e a ousadia de uma comunhão universal. Não há nada no mundo que esteja excluído do abraço amoroso de Deus, e o cristão é aquele que dá testemunho deste amor.

Manter viva a chama interior, desafio do cristianismo

UM DEPOIMENTO DE LEONARDO BOFF

O renomado teólogo brasileiro da ordem dos franciscanos, Leonardo Boff, contribui com o tema de capa da edição especial de Natal da revista IHU On-Line, refletindo sobre as razões que ainda o motivam a ser cristão nos dias de hoje. Boff foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982, foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos Ética da Vida (Rio de Janeiro, Sextante, 2006); Igreja: carisma e poder. Ensaios de uma eclesiologia militante (São Paulo: Record, 2006); e Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância (Petrópolis: Vozes, 2006). Eis o que Boff falou à IHU On-Line, por e-mail, sobre o cristianismo hoje.



O cristianismo, bem como as religiões, não quer substituir a ciência e a técnica. Estas atendem a necessidades nossas, mas são mudas e cegas quando se trata de definir o sentido da vida. O cristianismo nisso é forte. Ele afirma que estamos na palma da mão de Deus. A vida é chamada para a vida e não para a morte. Mas

não qualquer vida, senão a vida transfigurada e ressuscitada, permitindo-nos viver numa profunda comunhão com Deus. Como dizem os místicos: seremos também Deus por participação.

A crença em Jesus

Jesus é uma antecipação, uma pequena miniatura daquilo que será realidade para todos na plenitude dos tempos. Nele aconteceu uma revolução no processo de

evolução. A ressurreição o transfigurou totalmente e o levou ao ponto ômega da história. Como ele é nosso irmão, participaremos também deste destino.

Os valores do cristianismo

O Cristianismo nos oferece um outro olhar sobre toda a realidade. Não a vê como algo morto e sem sentido. Mas como uma criatura que nasceu do coração do Criador. Tudo é sacramento, fala de Deus, remete a Deus, vem penetrado de Deus. Assim tudo se faz templo sagrado, a formiga do caminho, o pobre da esquina, o Papa em

Roma e cada um de nós. Esse olhar nos convida a sentirmo-nos filhos e filhas do Pai e Mãe celestes e irmãos e irmãs uns dos outros. Devemos tratar os outros como se Deus estivesse nascendo de dentro deles.

As relações entre fé, razão e o discurso da ciência

A ciência diz como o mundo é. A fé se admira pelo fato de que existe mundo e não o nada. A ciência traz utilidades, atende a demandas da vida e da razão. A fé responde às questões que sempre estão na agenda das pessoas. Pouco importa sua idade: de onde venho? Para onde vou? Qual o meu lugar neste mundo, no conjunto dos seres? Que posso esperar depois desta vida? A fé se

especializou na resposta a estas questões para as quais a ciência tem pouco a dizer. E responde positivamente. Nós temos futuro, a vida continua e a eternidade nos espera, caindo nos braços do Deus, que é Pai e Mãe de infinita ternura.

Paulo de Tarso e os ensinamentos de Jesus Cristo

Paulo é o maior gênio teológico do cristianismo. Ele fez a ruptura necessária da matriz hebraica e criou a matriz helênica. Hoje vivemos destas duas heranças. Ele atualizou para o mundo moderno daquele tempo a

mensagem de Jesus, criando uma teologia que vai muito mais longe do que é dito nos evangelhos. Por isso, ele é o príncipe da liberdade e da criatividade cristã.

Os desafios do cristianismo no século XXI

O primeiro desafio é a (des)ocidentalização do Cristianismo. Mais e mais o Ocidente é um acidente na história mundial. O cristianismo não pode ligar seu destino apenas ao Ocidente. Ele deve poder ser assimilado pelas culturas mundiais a partir de suas matrizes próprias, fazendo suas sínteses como nós fizemos.

O segundo desafio é de ordem organizacional. O cristianismo de versão católica é ainda tributário a usos e costumes medievais e das cortes européias. Ele não incorporou os valores da experiência democrática da modernidade que supõe pessoas participativas, livres,

adultas. Ele ainda infantiliza demais os fiéis, marginaliza as mulheres e rebaixa os leigos. Esse é um dos motivos por que tantos estão emigrando da Igreja Católica. Entretanto, o maior desafio é como conseguir que os seres humanos mantenham viva a chama interior, sagrada, da presença de Deus, da sacralidade de cada coisa que existe, da veneração pela grandiosidade e complexidade do universo e de respeito pelo mistério de cada pessoa humana. Se perdemos esta dimensão, corremos o risco de afundar e de se perverter o que existe de mais importante no ser humano: sua dignidade e sua capacidade de transcendência.

A fé é dada pela Graça

ENTREVISTA COM LUIZ FELIPE PONDÉ

“Penso, seguindo Agostinho, que fé é dada pela Graça, não acho que existam fórmulas”, disse por e-mail o médico e filósofo Luiz Felipe Pondé com exclusividade à IHU On-Line. E assinala: “Acredito ser essencial que resistamos às bobagens modernas que transformaram tudo em auto-ajuda”.

Pondé leciona no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião e do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e é professor e pesquisador convidado em Mística Medieval da Universidade de Marburg, Alemanha. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu O Homem Insuficiente. São Paulo: EDUSP, 2001; Crítica e Profecia, Filosofia da Religião em Dostoiévski. São Paulo: Editora 34, 2003 e Conhecimento na Desgraça. Ensaio de Epistemologia Pascaliana. São Paulo: EDUSP, 2004. No livro No limiar do mistério. Mística e religião. São Paulo: Paulinas, 2004, organizado por Faustino Teixeira, Pondé publicou o artigo O método de Deus. Na edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, cujo tema de capa foi Delicadezas do mistério. A mística hoje, Pondé concedeu com exclusividade a entrevista A mística judaica. Sua contribuição mais recente à IHU On-Line aconteceu com a entrevista Parricídio, niilismo e morte da tradição, quando falou sobre Dostoiévski, na edição 195, de 11-09-2006.



Cristão no século XXI

Um dos motivos para ser cristão hoje seria recuperar a sabedoria da tradição cristã anterior às manias e aos dogmas modernos. Ser cristão pode significar muitas coisas. Interessa-me especificamente o modo como o pensamento cristão se constituiu como crítica do dogma

humanista da perfectibilidade. Acho a reflexão sobre o orgulho central na economia psíquica humana. Acredito ser essencial que resistamos as bobagens modernas que transformaram tudo em auto-ajuda.

“Só se guarda aquilo que se dá”

Penso que a obsessão pela “esperança” atrapalha a condição cristã. Sei o quanto isso pode soar estranho para uma sensibilidade que prefere pensar mais na ressurreição como “promessa” a ser cobrada. Não penso na segunda vinda de Cristo. Quanto a argumentos em favor da crença, prefiro pensar na sofisticação do olhar cristão sobre a natureza humana. Penso, seguindo Agostinho, que fé é dada pela Graça, não acho que existam fórmulas. Quanto ao Deus Trino, a idéia de Um

Deus que encarna e sofre uma dor infinita por amor a maior de todas as idéias éticas; acho risível quando o cristianismo busca seus fundamentos de reflexão ética no humanismo marxista ou qualquer “novidade” de 200 anos. A idéia da Paixão de Deus na cruz parece-me imbatível. Para além das manias exageradas do “gozo pela dor”, a chave é perceber que só se guarda aquilo que se dá.

Olhar crítico

Não me interessa o modismo ambiental e o panteísmo naturalista. Com isso, não quero desqualificar a preocupação sincera com a natureza, mas acho uma prisão “salvar” o cristianismo fazendo de Francisco de Assis um ambientalista medieval; acho que um olhar

crítico sobre os excessos da sociedade do progresso e da autonomia racional e volitiva pode ser muito mais interessante.

Saber a estrutura do átomo não muda nossa condição metafísica

Acho que há compatibilidade entre os discursos de fé e razão. A “crença” na ciência é um modo novo de credence. Nada nela nos permite acreditar nela como sistema de orientação no mundo ou de valores. Saber a

estrutura do átomo, para além dos modismos quânticos (esse panteísmo requentado), em nada muda nossa condição metafísica.

Paulo de Tarso e o cristianismo

Paulo é uma fonte fortemente primária - não há cristianismo sem ele. Acho que ele seja o grande primeiro filósofo do cristianismo. A continuidade do debate interno ao judaísmo se dá nele, tratando-se de

uma peça central na relação entre questões que afetam ambas as religiões e pode ser pedra de toque de um diálogo filosófico entre as duas religiões.

Desafios do cristianismo

Eu acrescentaria que uma função importante é resistir à dogmática moderna, oferecer um pouco de inércia construtiva à fúria narcísica moderna (coisa que, na minha opinião, nem toda a teologia cristã entende isso, transformando-se em torcida uniformizada da modernidade, mas enfim, como dizia Heine sobre muitos

teólogos cristãos, “só se é traído pelos seus”). Penso que o cristianismo, como outras grandes tradições têm o papel e possibilidade (por serem pré-modernas) de nos ajudar a superar esse impasse e delírio que caímos nos últimos 300 anos: idolatria da ciência, obsessão pela felicidade, enfim, trazer a crítica a nós, babelianos.

“O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé”

ENTREVISTA COM MARTIN DREHER

Martin Dreher, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, concedeu uma entrevista por e-mail à IHU On-Line, na qual ele esboça suas razões para ainda ser cristão. Dreher é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) e doutor na mesma área pela Universität München, Alemanha, com a tese Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherische Bekenntnisses in Brasilien. De sua extensa produção bibliográfica, destacamos Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, A Igreja no Império Romano. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004 e A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. Confira uma entrevista concedida pelo professor Dreher na edição número 174 da IHU On-Line, de 3 de abril de 2006, sobre Mozart.



Por que ainda ser cristão hoje?

Porque o “hoje” necessita mais do que nunca do Cristo! Para entender minha tese, lembro que “Cristo”, “cristão” “cristianismo” são palavras de radical grego correspondente ao hebraico “messias”, donde derivam nossas palavras “messiânico” e “messianismo”. Desse modo, sou messiânico e careço, em meu mundo, de messianismo. Como pessoa que vive em tempo de pós-modernidade perdi a “fé” no progresso da técnica e da ciência. Digo isso, não querendo desconhecer o quanto fui beneficiado pela técnica e pela ciência. Entendo, contudo, que técnica e ciência não são fins em si mesmas, mas têm que estar a serviço de toda a

humanidade, caso contrário perdem seu sentido e passam a ser perversas. Não faço essa observação de um princípio teórico abstrato, mas de fato histórico concreto que, hoje, experimento na fé. Tal fato histórico ou “na história” tem para mim um nome, Jesus de Nazaré, a quem confesso como o Messias, o Cristo. Seu nome é um programa: Je-sus=Deus vai salvar. Não o confundo com “cristianismo” que se manifesta, historicamente, em uma infinidade de instituições que, ao longo de dois mil anos, lutaram por hegemonia umas sobre as outras, em nada semelhantes com o homem de Nazaré.

As razões

Sou cristão porque fui conquistado por uma criança com membros frágeis que foi deitada em um cocho, pois não havia espaço para ela em sua sociedade. Não nasceu nem no palácio de Augusto, nem no palácio de Herodes, mas entre os animais. Teve pai e mãe, mas teve que nascer na margem da margem, em terra ocupada por estrangeiros, em aldeia insignificante, reverenciada por gente da margem: pastores e pastoras fedorentos e astrólogos nada ortodoxos. Sou cristão porque fui conquistado pelos membros frágeis do crucificado do Gólgota que me ensinou a ter esperança e a depositá-la no Reino de Deus, utopia que buscou concretizar em sua

existência, lembrando as aves do céu, as raposas em seus covis, os lírios do campo, a semente que cresce enquanto dormimos, partilhando cinco pães e dois peixes e conseguindo saciar quem tinha fome, que soube devolver à mãe o único filho, amparo na velhice, que soube devolver dignidade a excluídos. Com base nesses sinais, manifesto minha esperança no Reino de Deus e procuro comunicá-los, mesmo que de maneira imperfeita e provisória. Estou convicto de que eles são mais importantes do que ciência e técnica e que um mundo secularizado carece, desesperadamente, deles.

Convencido por Jesus

Acredito em Jesus porque fui convencido por ele. Já vai longe o tempo em que se procurava por argumentos filosóficos para entender a Jesus. Penso, por exemplo, nos esforços de Anselmo de Cantuária¹ (Cur deus homo? Por que Deus se tornou ser humano?). Não existem argumentos racionais para se crer em Jesus, em Deus ou no Espírito Santo. Crer é um presente. Não é nada lógico

¹ Anselmo de Cantuária (1033 - 1109), nascido Anselmo de Aosta (por ser natural de Aosta, hoje na Itália), e também conhecido como Santo Anselmo, foi um influente teólogo e filósofo medieval italiano de origem normanda. Foi Arcebispo de Cantuária entre 1093 e 1109 (sucendo a Lanfranco, ele também um italiano), por nomeação de Henrique I de Inglaterra, de quem foi amigo e confessor, mas depois divergiu com ele na Questão das Investiduras. É considerado o fundador

ou racional ver-se confrontado com uma criança na manjedoura ou com um corpo com estrias azuladas e esverdeadas de tanto apanhar e pendurado na cruz, cair de joelhos e exclamar: Meu Senhor e meu Deus! Isso é presente. E foi assim que Deus se mostrou (teologicamente: revelou-se). Deus tem a cara do crucificado e da criança na manjedoura, é disforme, humano. É o avesso daquilo que nós imaginamos a seu respeito. Só podemos saber a respeito de Deus aquilo que ele nos mostra de si: a criança, o adulto rejeitado, o crucificado. Aí ele se nos torna acessível.

do Escolasticismo e é famoso como o inventor do argumento ontológico a favor da existência de Deus. (Nota da *IHU On-Line*)

Deus “trino”

Aí se descobre que Deus só pode ser “trino”. Nessa expressão nada há dos malabarismos que teólogos tiveram que fazer para comprovar que Deus, a fé cristã, continua monoteísta. A palavra “trino” ou “trindade” quer dizer de um Deus que é, essencialmente, comunicação. E como haveria de o inimaginável se comunicar, caso não o fizesse assim como o fez: na criança, no crucificado? Fato é que não podemos falar de Deus de outra maneira do que no paradoxo da cruz. O termo é “paradoxo” mesmo: O Natal e a Sexta-feira-Santa vão contra (pará) a razão (dóxa) humana. E esse paradoxo não é eliminado quando cristãos confessam na manhã da Páscoa: “Ele ressuscitou, ele verdadeiramente

ressuscitou!” Também a Páscoa é um paradoxo, mas é um paradoxo que dá sentido ao Natal e à Sexta-Feira-Santa: marginalidade e rejeição, morte e ausência de dignidade não têm a última palavra. A última palavra é: Vida! Confesso que isso me deixa confessar a Deus e a seu Cristo. Isso me deixa confessar também o Espírito Santo que mostra em Pentecoste que é possível que se fale e entenda a mesma língua, a mesma linguagem, a linguagem do amor incondicional de Deus. A confissão da “segunda vinda” é tão-somente consequência de tudo isso; é a concretização do anseio expresso na prece: “Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade”.

Os valores de Deus evidenciados em Jesus

Não gosto da expressão “valores do cristianismo”. Cruzadas, Inquisição, perseguição a hereges já foram valores. Prefiro falar dos valores de Deus como nos foram evidenciados em Jesus. Esses valores nos ajudam a conviver melhor. Devolvem dignidade, ensinam partilha, fraternidade e sororidade, respeito aos pássaros e às raposas, pois também eles gemem esperando redenção, como bem o entendeu São Paulo. Se partilha e sororidade são valores, o mais importante não será a destruição das matas e dos rios por alguns que, liberalmente, julgam que livre concorrência (entre desiguais!) permite a privatização do que é de todos para

a vida, levando à morte. Essa utopia de Jesus é minha utopia e me deixa entender por que falou tão claramente, em relação a sua e a nossa sociedade, valendo-se do conceito “pecado” e desde o início de sua pregação começou a exigir “metánoia”, meia volta, arrependimento e reinício com base nos valores do Reino. Pecado é não deixar Deus ser Deus, assim como ele se nos revelou na criação, em Jesus e no Espírito Santo e, conseqüentemente, privilegiar tudo o que leva à morte.

A morte na sociedade

Nossa sociedade está prenhe de sinais de morte. Pecado é realidade tão presente e tão poderosa que se vale do Natal para, mais uma vez, relegar a Deus à periferia. No centro do Natal está o símbolo de um refrigerante que, pretensamente, dá presentes a todos, menos o mais importante. No centro do Natal está um aparelho fruto de maravilhosa técnica, que promete maior comunicação entre pessoas, mas não tira seres humanos da marginalidade e da solidão. Só seremos pessoas mais humanas, se aprendermos a olhar para onde Deus olhou, para as profundezas. Se o encontrarmos ali, ali também encontraremos a todos os que ele vê e poderemos encetar caminhada rumo ao Reino. Venha o teu Reino.

Na noite do Natal, gostaria de me ajoelhar aos pés da manjedoura e cantar com Bernardo de Claraval¹, com

¹ Bernardo de Claraval conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Nasceu em 1090 e morreu em Claraval em 20 de Agosto de 1153. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister.

Paul Gerhardt e Johann Sebastian Bach²: “Ich steh na deiner Krippe hier, o Jesu du mein Leben!” “Aos pés da manjedoura estou, Jesus ó vida minha...!”

Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Naquela época enfrentou inúmeras oposições, apesar disto, acabou reunindo mais de 700 monges. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da *IHU On-Line*)

² Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. Nasceu no seio de uma família de músicos. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. (Nota da *IHU On-Line*)

“Temos mais razões para ser cristãos hoje do que em outras épocas”

ENTREVISTA COM PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO

Plínio de Arruda Sampaio, militante histórico da esquerda brasileira, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), ex-candidato ao governo do Estado de São Paulo pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSol), é cristão. Ele respondeu, por e-mail, algumas perguntas da IHU On-Line, argumentando as razões que ainda o motivam a seguir a doutrina cristã nos dias de hoje. Sampaio é ex-deputado federal constituinte, promotor público, consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), professor universitário e diretor do jornal Correio da Cidadania. Sobre ele, confira uma entrevista no site www.unisinos.br/ihu no dia 23/10/2006.



Ser cristão é engajar-se, pelo amor em Cristo, na mesma tarefa que Ele veio realizar: a construção do Reino de Deus - uma sociedade baseada na justiça e na misericórdia. Com fundamento nesta definição, não faltaram razões para ser cristão em nenhuma das épocas da humanidade, porque sempre houve falta de justiça e de misericórdia; sempre os poderosos oprimiram os pobres. Mas eu me atreveria a dizer que, talvez na época atual - essa sociedade desumana que o capitalismo criou

- haja ainda mais razões para ser cristão, porque a técnica e a ciência modernas tornam a vida dos pobres mais submissa aos poderosos e mais despida de sentido do que em outras épocas. Eu acredito no Cristo e na Sua segunda vinda. Ele nos mostrou o Deus trino, porque acredito no Cristo, não posso deixar de acreditar no que Ele ensinou.

A vida e o andaime

Gosto de comparar a nossa vida terrestre ao andaime que os construtores fazem a fim de construir um prédio. Assim como andaime vale como meio para a construção definitiva, a nossa vida terrestre vale como meio de construir a nossa vida definitiva - a vida eterna no seio do Pai. Do mesmo modo que nenhum arquiteto valoriza mais o andaime do que o prédio, o cristão não dá à vida terrestre mais valor do que ela tem. O andaime tem que ser funcional e sólido. Tudo o mais é desperdício, porque ele só existe para ser destruído após a conclusão do

edifício. Esta convicção nos ajuda a colocar os acontecimentos da vida numa perspectiva correta. Permite que distingamos o absoluto do relativo e, portanto, a conciliar a justiça com a misericórdia. Não conheço nenhuma receita melhor para favorecer a convivência fraterna entre os homens. A consciência da relatividade da nossa vida humana ajuda também a admirar a criação divina. Animais e plantas, vistos nesta perspectiva, tornam-se motivo de contemplação e fonte de alegria. São Francisco mostrou-nos, de modo

admirável essa relação entre a natureza e o sagrado.

A fé, a ciência e os desafios do cristianismo

Os conhecimentos científicos jamais abalaram a minha fé. Para mim, são duas ordens de saberes distintos e complementares. O verdadeiro discurso da ciência está sempre do lado da vida e do amor e, portanto, do lado do Cristo. O cristianismo é o conjunto dos cristãos, de modo que os desafios postos ao cristianismo são postos, na verdade, a todos os cristãos. Na minha opinião, neste conturbado início de século, nosso desafio mais sério é a renovação da nossa Igreja. Precisamos fazer um grande movimento para pôr em prática as recomendações do

Concílio Vaticano II¹, a fim de despir-nos definitivamente das distorções que séculos de constantinismo introduziram em nossa Igreja e de transformarmos sua ação naquilo que o Cristo sintetizou para João Batista: “A Boa Notícia é anunciada aos pobres”.

¹ Concílio do Vaticano II: aconteceu sob reinado do Papa João XXIII em outubro de 1962 e terminado sob o reinado do Papa João Paulo VI em 1965. Nestes três anos, com grande abertura intelectual se discutiu e regulamentou temas pertinentes à Igreja sempre visando um melhor entendimento de Cristo junto à realidade vigente do homem moderno. (Nota da *IHU On-Line*)

“A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo”

ENTREVISTA COM ROSINO GIBELLINI

*O teólogo italiano Rosino Gibellini respondeu algumas questões por e-mail para a IHU On-Line, refletindo sobre as razões que ainda lhe fazem ser cristão. Rosino Gibellini, doutor em Teologia e Filosofia, dirige as coleções *Giornale di Teologia e Biblioteca de teologia contemporânea da Editora Queriniana de Brescia, Itália*. O estudioso é autor, entre outros livros, de *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Ele já concedeu várias entrevistas para a revista *IHU On-Line*, disponíveis na página www.unisinos.br/ihu. Uma delas foi sobre o teólogo Karl Rahner, na edição 102, de 24 de maio de 2004, e outra na edição número 161 da *IHU On-Line*, de 24 de outubro de 2005, sobre a conjuntura eclesial.*



As razões para ainda ser cristão

A ciência e a técnica são uma explicação do mundo no qual vivemos, mas não esgotam a totalidade da realidade e deixam aberto o caminho ao mistério que nos transcende. A palavra de Jesus também atrai o homem contemporâneo, porque nos revela, como explicava Karl Rahner¹, que o mistério que nos envolve não é um mistério tremendo, mas um mistério santo que nos acolhe. Jesus infunde-nos a confiança necessária para enfrentar a vida com coragem e esperança.

É verdade que a sociedade moderna é uma sociedade secularizada, mas uma secularização radicalizada torna-se desestabilizante (entgleisend) da vida também em

¹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

nossas sociedades democráticas baseadas no consenso, como o reconheceu recentemente o grande filósofo da política Habermas², que fala, agora, de sociedade pós-secular, enquanto se mostra disposta, na distinção das tarefas, a acolher a contribuição de valores que o cristianismo e a religião podem dar. A pós-modernidade, que caracteriza o nosso tempo, introduz o conceito de pluralidade e mostra-se mais tolerante nos confrontos do discurso religioso. A relação entre razão e fé precisa, por isso, ser reformulada após as contraposições exasperadas da modernidade.

² Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da *IHU On-Line*)

Por que crer em Jesus?

A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo, e é, assim, um inserir a própria história pessoal numa história maior, que transcorre da criação à escatologia, que se chama história da salvação e que dá sentido às nossas pequenas histórias. Por isso, a teologia contemporânea recuperou a narratividade bíblica. Crer é um sair do isolamento existencial, pertencer a uma grande comunidade a caminho, é inserir-se numa tradição hermenêutica que atualiza o Evangelho, repensando os dogmas e as verdades da fé. Isso é um conceito bem-ilustrado por um teólogo hermeneuta, como David Tracy¹. E, através da hermenêutica, pode-se

¹ David Tracy: licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião, na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros publicados, citamos *The Achievement of Bernard Lonergan* (1970); *Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology* (1975); *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism* (1981) (livro traduzido e publicado pela Editora Unisinos na coleção Theologia Publica, este ano); *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope* (com tradução em francês, alemão, espanhol e chinês) (1987); e *Dialogue with the Other* (traduzido para o chinês) (1990). Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo IHU, para fazer a conferência *Entre o apocalíptico e o apofático. O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade* no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, acontecido em maio de 2004.

dar uma versão proponível das verdades da fé também ao homem da modernidade e da pós-modernidade.

Consideremos alguns exemplos. Deus como Trindade diz referência a Deus como comunhão - a Deus como o poder da relação. A ressurreição é promessa de um futuro além do tempo, de um futuro absoluto, e o ingresso numa dimensão da realidade diversa da dimensão espaço-temporal. A segunda vinda de Cristo é precisamente o ingresso na nova dimensão da realidade, que dá cumprimento à nossa breve história terrena. É tarefa da teologia e, em particular, da teologia hermenêutica, dialogar e interpretar, e nem sempre os cristãos conhecem aquilo em que crêm. Há alguns anos, o escritor Umberto Eco e o cardeal Martini dialogaram num belo volumezinho que tinha por título *Em que coisa crê quem não crê*; mas também se pode levantar a questão: em que coisa crê quem crê. Baste isso para sublinhar que o nosso tempo é, para o cristão, tempo de convicções e de decisão.

Ele concedeu entrevista à *IHU On-Line*, n. 103 de 31 de maio de 2004. Confira o artigo "O Deus oculto: o resgate da apocalíptica" de David Tracy em: NEUTZLING, Inácio (org.), *A teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005, p. 85-98. (Nota do *IHU On-Line*)

Os valores do cristianismo para um mundo mais humano

O cristianismo funda-se sobre o “Princípio amor”, como bem o ilustrou o teólogo Joseph Ratzinger¹ em sua obra principal *Introdução ao cristianismo*, de 1968; pensamento que retomou em sua primeira encíclica *Deus caritas est*² (2006), que tem sido universalmente bem-recebida pela essencialidade do tema e do tratamento. Poder-se-ia dizer que o gênio do cristianismo é a caridade. E a caridade se faz solidária com todas as pobrezaas do mundo: aqui a teologia contemporânea, em particular, a nova teologia política e a teologia da libertação escreveram páginas iluminadas.

Também se pode recordar a teologia ecológica, que se interroga sobre a solidariedade com a natureza. Uma longa tradição interpretou o mandato bíblico como “domínio sobre a terra”; com a nova teologia da criação passa-se da categoria de Verfügung, ou seja, de uma natureza que está à completa disposição do ser humano como material manipulável e tecnicizável, à categoria de conservação e salvaguarda do criado, e de cooperação com o criado. Aqui se pode recordar a contribuição dada por Moltmann³, pelo último Leonardo Boff⁴ e pela

teologia feminista. A teologia e a igreja são hoje chamadas a distanciar-se daquilo que poderia ser definido como “olvido da criação”, e a desenvolver todo o potencial teológico e eclesial, mas também cultural e político, da fé na criação.

É autor de *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1971 e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação*. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na *IHU On-Line* n.º 94, de 29 de março de 2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã*, São Leopoldo, 2003. Está sendo publicado mais um livro, proximamente, do mesmo autor, na Coleção Theologia Publica da Editora Unisinos, sob o título *Experiências de reflexão teológica. Caminhos e formas da Teologia Cristã*. O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento *Abrindo o Livro* do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, os leitores e leitoras podem conferir, na *IHU On-Line* número 72, de 25 de agosto de 2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Leonardo Boff** (1938-): teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982, foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Confira uma entrevista exclusiva com ele nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Deus Caritas Est**: “Deus é amor” é a primeira encíclica do Papa Bento XVI e trata fundamentalmente do amor divino para com o ser humano. A encíclica foi originalmente escrita no período de férias do papa em agosto de 2005 e assinada em 25 de dezembro de 2005. Mas sua publicação somente ocorreu em 25 de janeiro de 2006 para que pudesse ser traduzida para diversas línguas. O nome da encíclica recorda a passagem bíblica “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Jürgen Moltmann** (1926): Professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação.

Os desafios do cristianismo para o século XXI

Os desafios são muitos, porque vivemos no tempo da complexidade, bem-representada pelas novas teologias da comunicação. O principal desafio para o cristianismo é como mover-se entre fundamentalismo e secularismo.

O fundamentalismo é uma patologia da religião, é a afirmação de uma identidade cultural e religiosa exclusiva e agressiva, mas a religião autêntica afirma: “Quem calca aos pés o homem, calca o próprio Deus”. Trata-se de elaborar e de viver um cristianismo relacional, que afirma a própria identidade, mas a vive e constrói na relacionalidade, ou seja, no diálogo e na cooperação, em ordem à paz, justiça e salvaguarda do criado.

Em confronto com o secularismo, o cristianismo não pode aceitar ser relegado à esfera privada, porque a sua mensagem tem relevância pública. A fé, embora baseando-se sobre uma revelação, possui um patrimônio de sapiência e de verdade, que é fonte de inspiração para todos. Trata-se, portanto, de estabelecer uma nova relação, e mesmo uma aliança entre razão e fé, na

distinção, mas não na contraposição. Gostaria de citar aqui o princípio enunciado pelo teólogo Joseph Ratzinger em confronto com o secularismo: “Não há paz no mundo sem uma justa paz entre fé e razão”; princípio a ser integrado com o princípio enunciado por Hans Küng¹ no confronto das religiões mundiais: “Não há paz entre os povos sem paz entre as religiões, e não há paz entre as religiões sem um *ethos* universal e compartilhado”.

¹ Hans Küng (1928): teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória cfr. Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memorias*. Madrid: Trotta, 2004. (Nota da *IHU On-Line*).

“A fé é a entrega radical a Deus”

ENTREVISTA COM JOÃO BATISTA LIBÂNIO

“A fé não é racional, mas razoável. Não é racional porque não se conclui com evidência de nenhum argumento racional. Crer ou não crer não resulta de ser inteligente ou rude, intelectual ou iletrado. A fé não se deixa reduzir totalmente às categorias da racionalidade humana de alguma filosofia”, afirmou por e-mail o filósofo João Batista Libânio, SJ, em entrevista exclusiva concedida à IHU On-Line. Em sua opinião, “a fé é entrega radical a Deus”.

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha é também mestre e doutor em Teologia, tendo cursado o seu Doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte. Esteve, no IHU, participando do Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - Marcos, trajetórias, prospectivas em 11-08-2005. Sobre esse assunto, ele concedeu uma entrevista publicada nesta mesma edição, na editoria Eventos, na seção IHU em revista. Libânio ministrou a conferência O Lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI, em 2004, no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, promovido pelo IHU e publicada no livro NEUTZLING, Inácio (org.) A Teologia na universidade contemporânea. São Leopoldo: Unisinos. 2005, p. 13-45. É autor de, entre outros, de Teologia da Revelação a partir da Modernidade. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005; Eu creio - Nós cremos. Tratado da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005; Qual o caminho entre o crer e o amar?. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005 e Introdução à vida intelectual. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006. IHU On-Line entrevistou João Batista Libânio na 103ª edição, de 31-5-2004, e dele publicou um artigo na 136ª edição, de 11-05-2005. Sua contribuição mais recente aconteceu na edição 150, de 08-8-2005, com a entrevista O olhar teológico sobre a paternidade.

A relevância de Jesus e sua mensagem

A epístola aos hebreus manifestou certeza impressionante ao afirmar que “Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo também pelos séculos” (Hb 13, 8). O autor ousou dizer logo no início do cristianismo que Jesus tinha valor e significado permanentes. E vinte séculos depois fazemo-nos a mesma pergunta e damos a mesma resposta. Se Cristo permanece até hoje com extrema significação, ser seu seguidor participa da mesma relevância. E por quê? Distingo três níveis de relevância de Jesus e, por conseguinte, de adesão à sua mensagem.

Em nível puramente sociocultural. A proposta de sociedade feita por Jesus conserva enorme atualidade e permanece ainda no nível da utopia, tão grandiosa fora. Depois de dois milênios os humanos não conseguiram, embora tivessem tentado de várias formas, realizar o projeto humano de convivência imaginado por Jesus. Os princípios básicos são extremamente simples na formulação. Indicarei alguns deles. A lei fundamental da relação humana define-se pelo mandamento novo de que nos amemos uns aos outros, assim como o Senhor nos amou (Jo 13, 34). E como ele nos amou? Até o perdão dos

inimigos: “Pois eu vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus” (Mt 5, 44s). E no sermão escatológico teceu a página do amor anônimo: dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, acolher os estrangeiros, vestir os nus, visitar os doentes e encarcerados (Mt 25, 35). Imaginemos uma sociedade construída sobre esse alicerce do amor radical e preferencialmente pelos segregados sociais. Se muitos consideraram o saldo positivo maior do primeiro mandato do Governo Lula a bolsa família, que pensar de toda a sociedade estruturar-se em torno da proposta de Jesus e não simplesmente um programa periférico? Vale a pena socioculturalmente empenhar-se em tal utopia. O sonho socialista hauriu muito da proposta de Jesus. Mas fracassou porque esqueceu um ingrediente necessário para Jesus: tal opção pelo amor não vem imposta, mas nasce da conversão do coração. S. Paulo usa a expressão de “homem novo” em contraste com o homem velho, feito de egoísmo, da autopromoção, altamente cultivado na sociedade capitalista.

Alcance universal

A sociedade moderna da técnica e da ciência permanece fundamentalmente no nível dos meios, dos instrumentos. Não atinge os valores. E a proposta de Jesus ultrapassa tal patamar. O alcance universal lhe vem precisamente por não se deter na imediateidade instrumental, que está sempre a variar, mas em falar à dimensão última do ser humano enquanto pessoa e sociedade. Por isso guarda valor definitivo e não presas a conjunturas geoistóricas.

A proposta de Jesus vai além do projeto histórico-social. Afeta a visão e a compreensão de Deus. É

religioso. Aqui também mantém atualidade e relevância única. A imagem de Deus nas culturas oscila entre dois extremos. As tradicionais alimentam a onipotência e a arbitrariedade de um Ser Supremo que os ritos administrados pelos sacerdotes apaziguam. Daí vem o poder sacerdotal até às raias do despótico. Dele o povo simples, temeroso depende e a ele se submete. A cultura moderna lançou fora tal domínio de Deus. No primeiro momento, pensou-se que foi libertação. No entanto, ao defender o ateísmo, ela gestou vida sem sentido e sociedade sem fundamento ético. O preço não foi menor.

Em vez do poder clerical, outros assumiram-lhe o bastão não menos severo e ameaçador. A relevância da proposta cristã manifesta-se precisamente em contraposição aos extremos. Liberta-nos das carrancas divinas, do poder totalitário da religião ao anunciar um Deus Pai. O amor é-lhe a natureza do próprio ser. Logo tudo o que se opuser ao amor contradiz a figura do Deus cristão. Em resposta ao secularismo ocidental, oferece fundamento absoluto para a ética: Deus amor. Ela não se tece de mero consenso, laboriosamente construído entre nós, mas decorre da exigência do amor ao irmão, fundado no amor de e a Deus. O amor é a única realidade que consegue vincular internamente a liberdade sem ser opressão. Paulo formulou-o com clareza ao dizer que a única coisa que nos obriga é o dever da caridade. “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, a não ser o amor com que deveis amar-vos uns aos outros. Porque quem

ama o próximo, cumpriu a Lei” (Rm 13, 8). O anúncio de um Deus que é Pai e amor guarda enorme atualidade.

Mais profundamente, ser cristão permanece ainda mais claramente válido. Ser cristão significa seguir a Jesus Cristo, filho de Deus. Deus nunca é transitório. Não se pode crer em Deus por um tempo. Já não seria crer. Tudo que afeta a Deus é absoluto, definitivo. As mudanças culturais tocam unicamente maneiras concretas de expressar a condição cristã, mas não põem em questão o fato de ser cristão. Enquanto Deus for Deus, ser cristão, aderindo a ele na pessoa do Filho, manterá sentido. A realidade cristã se desfaria se o último sentido da realidade humana fosse o nada, o absurdo. Mas se for o Ser, o Sentido, vale a pena entregar-se àquele que é a palavra escatológica de Deus na história: Jesus Cristo.

“A fé não é racional, mas razoável”

Antes de tudo, a fé não se dependura no final de um raciocínio. Isso é filosofia. Nem se baseia na evidência de fatos constatáveis. Deixemo-lo para as ciências. A fé existe primeiro como dom de Deus. A iniciativa vem de cima. Aí está o conteúdo central da conversa de Jesus com Nicodemos. Faz-se mister nascer do alto, da água e do Espírito, para ver o Reino de Deus, isto é, para seguir a Jesus, ser cristão (Jo 3, 3). Tudo começa com o primeiro toque de Deus. J. Alfaro, nas pegadas de Santo Tomás, usa a bela expressão que a fé se inicia no coração humano por meio da “atração da Verdade primeira”. De dentro da fé, buscamos razões de credibilidade que nos permitem justificar a nós mesmos e a outros que o peçam a “razoabilidade” da fé em Cristo, do fato de ser cristão. Há duas palavras parecidas, mas de sentidos bem diferentes a respeito da reflexão em curso. A fé não é racional, mas razoável. Não é racional, como dissemos acima porque não se conclui com evidência de nenhum

argumento racional. Crer ou não crer não resulta de ser inteligente ou rude, intelectual ou iletrado. A fé não se deixa reduzir totalmente às categorias da racionalidade humana de alguma filosofia. No entanto, é razoável. Significa que não renunciamos a racionalidade de ser humano para crer. Portanto, é dolorosamente falsa a afirmação repetida por alguns que se julgam heróis na fé: “creio porque é absurdo”. No absurdo, não se pode crer. A fé é entrega radical a Deus. E o cristão reconhece em Jesus o Filho, o enviado, o mensageiro escatológico de Deus. E por isso crê nele. Para tal encontra mil sinais de credibilidade, de razoabilidade por meio do testemunho dos discípulos e da longa Tradição de dois mil anos de fé cristã. As mudanças culturais pedem contínuas reinterpretações da maneira de ser cristão e do conteúdo fundamental dessa fé.

Trindade, ressurreição e parusia

Agora falarei sobre esses três pontos importantes: Trindade, ressurreição e parusia ou vinda gloriosa final de Jesus. De cada uma indicarei um elemento de razoabilidade para a cultura moderna. Para a Trindade, basta citar a bela frase de L. Boff: “No princípio está a comunhão dos Três e não a solidão do Um”. Confessar a Trindade significa, entre outras coisas, dizer que o último fundamento do ser humano é a comunhão com os outros e com o Outro, e não a solidão egoísta. Imaginem as conseqüências de asserção tão densa e profunda para uma economia, política e cultura da comunhão. A ressurreição afirma que nada do ser humano de bondade e de justiça se perde e que ele, na totalidade - isso significa corpo e alma -, viverá da e para a eternidade de Deus. Somos cidadãos eternos.

A parusia afirma a glorificação geral da história e do cosmos, passando pelo ato purificador e recriador de Deus. Tais verdades da fé cristã apontam valores que ajudam a conviver melhor com os outros seres humanos, com os animais e com a natureza. Na base da convivência, está a comunhão. Se o cristão se convence de que se origina da comunhão trinitária e anuncia-a aos outros, resulta-lhe a necessidade de antecipar nas sociedades terrestres a comunidade que será o convívio eterno. A ressurreição e a parusia mostram a raiz última e profunda do respeito na relação com as coisas. Não se trata unicamente do argumento centrado no ser humano de que o ecocídio nos destrói a nós também, mas avança-se a uma sacralidade transcendente. Base para a mística ecológica.

Fé e razão – incompatíveis ou complementares?

Tal foi o tema central da luminosa encíclica de João Paulo II *Fides et ratio*. Funda-se na lídima tradição tomista. Deus é o princípio de ambas. A revelação é autocomunicação de Deus ao ser humano em vista de sua salvação. O fiel, que crê, estriba-se nela. Acolhe-a como fundamento último de sua existência e salvação. A razão humana é criada por Deus como a faculdade feita para a verdade. Deus é a verdade no ser e os conhecimentos humanos participam de tal verdade. Qualquer choque vem de falsa intelecção de uma das duas realidades ou de ambas. Portanto, cabe dialogar para elucidá-lo. Na imagem de João Paulo II, fé e razão são as duas asas para voarmos até Deus. Seguindo ainda o itinerário do Papa, quando fé e razão se divorciam, ambas sofrem detrimento. A fé perde a necessidade de buscar razoabilidade e razões que a ajudem a perceber que ela é um ato do ser humano. Cai facilmente em emocionalismo, fanatismo, fundamentalismo, perigosos

pela inerente irracionalidade. A razão, ao afastar-se da fé e ao arvorar-se em última instância de verdade e de bem, corre o risco do desvario orgulhoso, da autonomia absoluta, que, quando se percebe frágil e ameaçada pelo erro, arrisca viver no provisório sem horizontes de transcendência. E assim abdica da dignidade de chegar à Verdade para a qual foi criada, contentando-se com o regime de verdades fracamente relativas, sem garantia de universalidade e definitividade.

Se parece tão simples a relação entre fé e razão, por que tantos problemas, não só no passado, mas até hoje? A revelação de Deus, absoluta e fundamento da fé, é transmitida no interior da cultura humana passageira e limitada. Confundir tal condição do conhecimento humano com a incapacidade de atingir a Deus abre espaço para negar qualquer valor e verdade absolutos. Do lado da fé, importa ter lucidez para distinguir aspectos relativos próprios de toda linguagem humana e

a realidade absoluta do Deus que se revela a si e o desígnio salvífico que são absolutos. E do lado da ciência, cabe também distinguir em que ela tem palavra a dizer sobre aspectos equivocados da linguagem da Revelação, e nisso purificar os conhecimentos religiosos, e em que ela pretende ultrapassar o próprio horizonte de saber,

querendo negar o Absoluto da revelação. Portanto, resta um só caminho: lúcido, corajoso e livre diálogo com a consciência dos limites do próprio saber e da originalidade e peculiaridade do outro.

O cristianismo no século XXI

No livro *Qual o futuro do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006, aponte alguns deles. Os tempos pós-modernos em que vivemos caracteriza-se por doentio presentismo, corroendo a esperança e as utopias. E como o presente favorece os países, classes e indivíduos ricos, a cultura pós-moderna acaba por ser politicamente reacionária. Conseqüentemente acentuam-se os traços hedonistas e consumistas. O cristianismo, ao encarnar-se na história humana, em profunda comunhão com as classes desprezadas, foi embalado, desde o início, por perspectiva de esperança e por traços escatológicos. E nisso alimentou a história da utopia no Ocidente (J. Servier, *Histoire de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1967). Com o triunfo da Críandade, ele julgou ilusoriamente ter realizado o projeto do Reino de Deus e sedou a ânsia utópica. Hoje vivenciamos barbáries não menores que as piores vistas na história. Implantou-se terrível situação de injustiça social para os pobres. E, mais uma vez, o cristianismo é provocado a empunhar a bandeira utópica da libertação dos pobres, da civilização do amor, da sociedade das bem-aventuranças. Tarefa hercúlea.

A secularização vem amadurecendo a ponto de estar já produzindo o fruto sazonado do secularismo ateu. Em tal situação extrema, encontra-se o cristianismo diante do dilema do silêncio da teologia da morte de Deus ou do anúncio profético de Deus. Mas não de qualquer Deus. E sim do Deus do amor. E isso continua válido onde o secularismo se impõe. Nessa linha, tem escrito com

enorme pertinência o teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga.

Paradoxalmente assistimos ao reverso do fenômeno: a explosão religiosa. Então o desafio é outro. Com as grandes tradições religiosas não-cristãs impõe-se o lúcido diálogo inter-religioso em que a clareza das próprias identidades se confronta com a positividade das alteridades de modo que no final todos saiam enriquecidos. Entre as denominações cristãs, o diálogo ecumênico faz-se ainda mais imperioso. Nalguns casos já vai avançado e em outros esbarra com problemas no campo dos ministérios e dos sacramentos. E diante da atmosfera religiosa que se carrega de tanto magnetismo difuso de denominações pentecostais e neopentecostais, Nova Era e expressões religiosas altamente exóticas, cabe ao cristianismo a tarefa de verdadeira evangelização. Anunciar, como fez no Império Romano, para dentro do panteon a originalidade de Jesus Cristo que converte e assume de modo que surja um cristianismo com novos rostos.

Crise ética

O mundo moderno vive gigantesca crise ética que afeta grandemente a convivência humana, a política e a relação com a natureza. A proposta cristã orienta-se na linha de uma ética do cuidado (L. Boff, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999) que atinge o conjunto das relações, da ética na política que se contrapõe a tsulama atual e uma ética ecológica que cria nova concepção de ser humano em face da natureza.

Na limitação do espaço, indico mais um desafio para finalizar. O cristianismo iniciou a carreira histórica sob o impacto da ordem de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. Eis que eu estou convosco, todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 19-20). E tentou fazê-lo geograficamente, ao levar a todas as regiões do mundo a mensagem já pronta. Hoje é impensável impor uma cultura às outras. Desafia-nos, portanto, a inculturação em profundidade, sobretudo nas culturas do Oriente, da África e em regiões da Ameríndia. Mas o mais grave é que se constrói no próprio Ocidente de alta tecnologia nova subjetividade devedora a nenhuma cultura exótica, mas fabricada pela tecnociência. A pretensão é plasmar artificialmente o sujeito humano por meio da

biotecnologia já acessível. E isso transforma a consciência ocidental, não só daquele que será fabricado de outra maneira diferente da do amor conjugal humano, mas, sobretudo, daquele que se julga doravante ser criador e senhor também da vida humana de modo que nunca tinha sido. Próximo para não dizer igual ao do Criador. Como anunciar o evangelho à cultura da biotecnologia? Tornando mais complexa a situação de tal novo sujeito, à biotecnologia avançada soma-se a tecnologia da comunicação transformada em nova cultura. Nesse universo novo, altamente artificial e produzido pela fábrica humana, cabe ser cristão e testemunhar aquele que se fez pobre entre os pobres, pequeno entre os pequenos. Contraste fabuloso. Na sociedade por excelência do conhecimento, desafia-nos testemunhar o Logos divino, que, ao fazer-se carne e história, não optou por escrever nem por deixar obras folhudas, nem por trilhar o caminho dos poderosos e intelectuais, mas pregou na linguagem simples e pobre do povo. É o paradoxo de um Paulo anunciando no areópago o Cristo morto e ressuscitado alheio à cultura grega. No imenso palco da sociedade dos avanços tecnológicos e científicos, anunciamos o camponês e artesão da Galiléia de parábolas rurais e ribeirinhas. Eis o desafio!

Sobreviver e conviver

ENTREVISTA COM PAULO SOETHE

Graduado em Letras Alemão-Português pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese Ethos, corpo e entorno. Sentido ético da conformação do espaço em Der Zauberberg e Grande sertão: veredas, o Prof. Dr. Paulo Soethe mencionou, com exclusividade à IHU On-Line, que um dos maiores desafios do cristianismo para o século XXI é sobreviver e conviver. Além disso, outro obstáculo a ser vencido é “tornar possível que onde haja fé ela venha à tona de maneira relevante e plena. O desafio está em adaptar as práticas e rever os papéis das comunidades e líderes. Pegas de surpresa, as estruturas eclesiais de poder viram-se subtraídas de sua relevância social e política e parecem-me ter entrado em um processo fatal de autocentramento”.

Soethe cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, na Alemanha. Docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), é autor de uma vasta produção acadêmica, entre artigos, traduções, capítulos de livros e resumos, entre outros. Entre suas atividades atuais, destacamos o Convênio com a Universidade de Leipzig (Programa Unibrál - CAPES/DAAD), bem com o projeto Riobaldo encontra Vupes: influxos da cultura de língua alemã na obra de João Guimarães Rosa (CNPq 420078/01-0), junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP. O depoimento a seguir foi enviado por e-mail.

Deus se conhece de modo mais intenso na primeira infância

Tenho para mim que ser cristão não depende primeiramente de uma decisão pessoal. O acaso histórico, por exemplo, determina que já se nasça cristão. Sei que isso não soa piedoso, mas negar tal coisa é ignorar a causa mais freqüente e decisiva de se ser cristão hoje. E teologicamente, segundo a memória da comunidade de fé cristã, Deus pode intervir bruscamente no curso da vida de alguns, como aconteceu com Saulo, ou pode oferecer-se discreto no dia-a-dia, a partir da infância, como no caso de Jesus mesmo, ou das muitas crianças que nasceram no seio da comunidade dos

primeiros cristãos. Talvez a tradição insista demais na dramaticidade das conversões, promova exageradamente a importância de um clero ou de um laicato militante e agressivo, obcecado por salvar as almas; e negligencie o que já está potencialmente dado na vida das pessoas. Penso aqui, afinal, sobre ser cristão como uma condição historicamente determinada, mas essencial, tanto quanto o fato de se pertencer a uma família, ter determinada nacionalidade ou falar certa língua materna.

Ter a experiência primeira do cristianismo no seio da

família, pelas mãos e gesto dos pais, pelo convívio com o irmão, parentes, vizinhos, colegas da escola, primeiras professoras é algo que alimenta para o resto da vida. Tenho profunda convicção de que conhecemos Deus de modo mais intenso, na primeira infância, nos momentos mais ou menos freqüentes de revelação do mundo que nos cerca, quando Ele, pura e simplesmente está lá, nas pequenas coisas, nos carinhos, nas formas, nos sons, na natureza que se descobre como criação, nas refeições em comum, na dor que se suporta porque outros a tem maior. Nessa fase, apreendemos o mundo de maneira essencialmente estética: Deus (nominalmente presente ou não) é então o nexó tácito de uma obra-prima e plural, é a totalidade das coisas, e ao mesmo tempo um interlocutor descomplicado e amoroso, com uma vontade

clara em relação ao que é bom e correto. Tudo isso antecede qualquer doutrina, pode ser a experiência de qualquer um, em qualquer cultura e circunstância. E, se nessa vivência do mundo e dos outros, está também a pessoa de Jesus, como amigo e modelo, como protagonista das histórias mais importantes, então o cristianismo está dado, e aí se pode cumprir, com certo fleuma, o aprendizado da doutrina e dos ritos, às vezes, sobreviver a eles, com paciência. (Por isso, a não ser de maneira acidental, por meio da presença e convívio espontâneo, não tenho o mínimo pendor “missionário” no sentido de promover conversões, ou imiscuir-me no acaso histórico de outros que nascem sob circunstâncias de fé diferentes.)

“Educação estética do homem”

Isso tudo soa romântico, e é assim mesmo que vejo. O fundamento de ser cristão hoje é a vivência pessoal da totalidade e da criaturalidade como experiência estética e pré-consciente, sobretudo na primeira infância. Sobre esse alicerce é que acredito ser possível dar-se a inserção prática na sociedade complexa, sob um espírito cristão. Entendo, inclusive, que a grande lacuna na execução do projeto ocidental de modernidade se deve à negligência da “educação estética do homem”. O que nos falta para resistir de maneira efetiva aos abusos a que hoje nos submetemos é a memória e a partilha de nossas primeiras experiências individuais de totalidade vividas na primeira infância. Falta-nos estender de maneira efetiva ao nosso contexto social e econômico o que potencialmente já fomos nos primeiros momentos de nossa descoberta individual do mundo.

Por isso, no meu caso pessoal (que penso ser o de muitos), eu simplesmente responderia que sou cristão porque fui assim como menino. E minha lida positiva com a ciência, com a técnica, com a secularização ou com a pós-modernidade (esse embate nem sempre responsável com a idéia de dissolução de quaisquer parâmetros absolutos) está marcada pela fidelidade ao menino que fui. Não tenho grandes dúvidas em relação ao que seja bom e correto nas circunstâncias de atuação concreta diante dos outros. Lembro-me da infância. E também por lembrar-me dela tenho uma grande certeza: posso estar sempre enganado, porque o nexó da obra de que sou personagem não me pertence. Esse nexó é por si mesmo e existe para além de mim.

Por que acreditar em Jesus, no Deus uno e trino, na ressurreição e na segunda vinda de Cristo?

Essa pergunta é bem mais difícil. É pessoal demais, e ao mesmo tempo suscita muito facilmente o conflito com a doutrina. Sobre aquilo de que não se pode falar, é melhor calar. Ainda assim, por que acreditar em Jesus penso já ter respondido antes: ele é o protagonista das histórias mais importantes que se repetem sempre que olho o mundo. Ele vive nos outros e em nosso liame com os outros, segundo a definição que deu de si mesmo. Sua ressurreição, acolhida máxima pelo Deus Pai, é o fato da superação da morte como fim último e como parâmetro último em nossa existência. Crer na ressurreição é ter como inquestionável o valor da vida humana individual, sob qualquer circunstância. O evangelista João diz escrever os relatos *para que* criamos neles, e diz que *seu testemunho* é conforme a verdade. Isso basta, e por isso não imagino que possa contribuir com o debate

trinitário, a não ser lembrando a bela imagem de que mesmo Deus não é um só, mas existe no diálogo e na convivência de três pessoas. Quem seríamos nós, então, para proferir dogmas sobre Ele? Essa espiral nos confere sobrevida como cristãos: cremos porque não sabemos, e ao não saber sobre Deus proclamamos da forma mais efetiva nosso fascínio e amor por Ele e sua presença entre nós. Sobre a segunda vinda de Cristo: mesmo os primeiros cristãos pareciam confusos ao interpretar literalmente essa expectativa. E hoje quanto da religiosidade mais fundamentalista, no meio cristão, se apóia sobre fantasias escapistas e uma escatologia apoteótica. Prefiro ficar com a última fala de Jesus no evangelho de João: “Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa?”

Convivência com o mundo

Penso haver, sim, uma maneira propriamente cristã de conviver com o mundo, firmada para muitos desde a infância, ou então adquirida pelo convívio e partilha das experiências em uma comunidade que resgata e enriquece vivências humanas fundamentais à luz da experiência de uma comunidade de fé cristã. A maneira

cristã de conviver com o mundo não é uma ajuda para o convívio ou uma contribuição para compreender a realidade. Ela é, para o indivíduo, uma forma radical e plena de atuar, conviver ou compreender.

Fé e razão

O cristianismo como atitude fundamental emoldura a atitude e a consciência dos cristãos. A ciência é um fato da sociedade, e a razão, uma dimensão incontornável da presença humana no mundo. Os ensinamentos de Jesus têm pouco a dizer sobre a ciência moderna em sentido estrito, e é insensato supor que eles possam controlá-la.

Mas eles podem ser relevantes, sim, para as atitudes e decisões de quem conduz a prática e as políticas científicas nos dias de hoje. Trata-se de um grande desafio para as igrejas cristãs estabelecer diálogo com os meios científicos. Isso depende de um nível altíssimo de especialização prática e teórica. E mais ainda, da

intermediação de contatos e diálogo entre cientistas e pesquisadores de alto nível que se entendem como

cristãos.

Reinventar Paulo de Tarso

Não posso contribuir de maneira adequada com essa questão. Tenho claro, no entanto, que a teologia paulina e sua prática de disseminação do cristianismo foram decisivas para a imagem que temos hoje da presença do cristianismo e da Igreja na história, inclusive negativamente, como modelo que se vê superado pela

realidade, em um mundo ocidental pós-cristão e em um panorama global claramente multirreligioso. Talvez precisemos reinventar Paulo de Tarso, como ele, de certo modo, reinventou Jesus para a Antigüidade greco-romana.

Desafios do cristianismo

Sobreviver e conviver. Tornar possível que onde haja fé ela venha à tona de maneira relevante e plena. O desafio está em adaptar as práticas e rever os papéis das comunidades e líderes. Pegadas de surpresa, as estruturas eclesiais de poder viram-se subtraídas de sua relevância social e política e parecem-me ter entrado em um processo fatal de autocentrimento. O motor roda em ponto morto. E, enquanto isso, cada vez menos crianças têm tempo para descobrir o mundo de forma cristã, e menos tempo ainda para lembrar-se, como adultos, do convívio que possam ter tido com o interlocutor descomplicado e amoroso, que pouca gente ainda tem coragem de chamar pelo nome.

Entrevista da Semana

Os rumos do republicanismo

ENTREVISTA COM ALESSANDRO PINZANI

Alessandro Pinzani nasceu em Florença (Itália), em 1966. Doutorou-se em Filosofia na Universidade de Tübingen (Alemanha). De 1997 até 2004, trabalhou como pesquisador e docente nesta universidade, onde, em 2004, obteve a habilitação e a livre-docência em Filosofia. Em 2001-2002, foi Visiting Scholar na Columbia University de Nova Iorque, EUA. Desde julho de 2004 é professor adjunto de ética e filosofia política no Departamento de Filosofia do CFH da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e desde março de 2006 é pesquisador do CNPq. A entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, foi inspirada na comunicação que o filósofo apresentou no XII Encontro Nacional de Filosofia da Anpof, intitulada Republicanismo ou republicanismos. Pinzani frisa que “onde houver cidadãos tão pobres que eles venderiam seu voto, não pode florescer uma república”. E ser de esquerda, em nossos tempos, “significa ter uma preocupação com a justiça social, sem, contudo, cair numa visão nacionalista”. Sobre a política brasileira, Pinzani afirma que o poder ainda parece ser pensado de “forma patrimonialista: quem ganha as eleições se torna dono do poder e pode fazer dele o que quiser”.

Pinzani é autor de Diskurs und Menschenrechte. Hamburg: Dr. Kovac, 2000; Maquiavel e “O Príncipe”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004; Diritto, politica e moralità in Kant. Milão: Bruno Mondadori, 2004 e Ghirlande di fiori e catene di ferro. Istituzioni e virtù politiche in Machiavelli, Hobbes, Rousseau e Kant. Firenze: Le Lettere, 2006). É um dos organizadores de Ein Ethos für eine Welt? Globalisierung als ethische Herausforderung. Frankfurt a. M. / New York: Campus, 1999 e Habermas em discussão. Anais do Colóquio Habermas realizado na UFSC (Florianópolis, 30 de março-1 de abril de 2005). Florianópolis: NEFIPO, 2005.

IHU On-Line - Partindo das considerações de Habermas sobre o republicanismo, quais são as suas conclusões que demonstram ser a tradição republicana alternativa mais relevante para a teoria política contemporânea do que o republicanismo clássico?

Alessandro Pinzani - Partirei da definição de “republicanismo kantiano” oferecida por Habermas¹ num ensaio sobre *A paz perpétua* (agora publicando em *A inclusão do outro*): “O republicanismo kantiano parte de uma dupla intuição: Ninguém pode ser livre a custo da liberdade de um outro. Já que as pessoas se tornam indivíduos somente por meio de um processo de socialização, a liberdade de um indivíduo está ligada à de todos os outros não somente negativamente, por meio de limitações recíprocas. Limitações corretas são antes o resultado de uma atividade de autolegislação exercida coletivamente. Numa associação de livres e iguais, todos devem poder compreender-se do ponto de vista coletivo como autores das leis às quais se sentem vinculados como destinatários do ponto de vista individual” (*Die Einbeziehung des Anderen*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1996, pág. 126). Esta idéia de que os cidadãos se vêem ao mesmo tempo como autores e destinatários das leis e se dão conta de que sua liberdade depende da liberdade de todos os outros é o elemento do pensamento republicano que ainda hoje pode pretender uma certa validade teórica e política. É uma idéia que aponta para dois aspectos importantes: o conceito de cidadania

¹ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da *IHU On-Line*)

implica, em primeiro lugar, uma igualdade política e jurídica e, em segundo lugar, a assunção de uma perspectiva não egoísta, a partir da qual os cidadãos se consideram como indivíduos inseridos numa dimensão pública mais ampla. Este último ponto me parece estar no centro da reflexão sobre o republicanismo efetuada por pensadores brasileiros como Newton Bignotto². De fato, numa sociedade como o Brasil, onde o conceito de “público” parece significar “de ninguém” e não “de todos (portanto também meu)”, é importante recuperar este sentido (e o correspondente sentimento) da *res publica*, termo latino que indica justamente a coisa pública e, por traslado, o Estado. Contudo, esta preocupação com o sentimento da coisa pública não é característica peculiar do republicanismo, mas é compartilhado por autores liberais como John Stuart Mill³, Aléxis de Tocqueville⁴ e, nos nossos tempos, o próprio John Rawls⁵, além de pensadores como William Galston, Richard Dagger etc.

IHU On-Line - Por que, nos últimos anos, houve uma renascença do republicanismo, a partir de Quentin Skinner, Phillip Pettit e Maurizio Viroli? Quais são os pontos positivos e negativos trazidos por essa renascença? O que essa tradição republicana teria de antidemocrático?

² Newton Bignotto: doutor em Filosofia pela EHESS, França, e professor do Departamento de Filosofia da UFMG. É autor do livro *Maquiavel* (Jorge Zahar: 2003), onde desmente mitos e esclarece idéias a respeito desse pensador. (Nota da *IHU On-Line*)

³ John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Alexis Carli Clerel de Tocqueville (1805 -1859): foi um pensador político e historiador francês. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ John Rawls (1921 - 2002): foi um professor de filosofia política na Universidade de Harvard, autor de *Uma teoria da justiça* (*A Theory of Justice*, 1971), *Political Liberalism* (1993), e *The Law of Peoples*. (Nota da *IHU On-Line*)

Alessandro Pinzani - Na verdade, o que esses autores tentam “redescobrir” é uma certa versão do republicanismo. Skinner e Viroli se ocupam particularmente com o republicanismo clássico, partindo de Cícero e Salústio¹, passando por pensadores italianos da Idade Média e do Renascimento (com particular atenção para Maquiavel²), até chegar às vésperas da Revolução Inglesa e, no caso de Viroli, a Rousseau³ (uma espécie de “ilha” republicana no mar liberal da sua época). Interessantemente, eles deixam de lado os Jacobinos, que podem ser considerados herdeiros da tradição republicana clássica, mas que constituem, por assim dizer, o seu lado negro: a de uma violência contra os indivíduos em nome da virtude cívica e da Pátria.

No seu *Liberty Before Liberalism* (1998), Skinner, que se movimenta no âmbito da *History of Ideas*, analisa o pensamento daqueles que ele chama de *New Roman Theorists*, que se inspiravam na Roma republicana para articular um discurso antimonárquico ou antiabsolutista. Sua obra visa primeiramente à reconstrução histórica da tradição republicana. Já Viroli afirma que sua intenção é chamar a atenção dos contemporâneos para o republicanismo a fim de fazer dele uma alternativa ao

¹ Salústio (Gaius Sallustius Crispus) (86-35 a.C.): historiador latino, nasceu em Sabine, Itália. (Nota da *IHU On-Line*)

² Nicolau Maquiavel (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Jean Jacques Rousseau (1712-1778): Filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata nascido em Genebra. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*).

modelo liberal e ao modelo democrático dominantes. Contudo, nem ele, nem Skinner conseguem (ou querem) definir com clareza em que consistiriam tais modelos. Eles (e Pettit, que possui um viés mais teórico e menos histórico) apontam para o conceito central de liberdade e distinguem entre uma liberdade republicana, uma liberal e uma democrática. Segundo os republicanos (antigos e novos), a verdadeira liberdade consistiria na independência do arbítrio dos outros e pressuporia a igualdade dos cidadãos perante a lei. Tal independência vale, em primeiro lugar, para o Estado. Livre é, então, o Estado capaz de governar a si mesmo. No que diz respeito aos indivíduos, a liberdade consistiria na independência da vontade arbitrária dos concidadãos. Gostaria de apontar para o fato de que, nesta ótica, os autores republicanos clássicos sempre negaram o direito de voto e a participação política ativa àqueles indivíduos incapazes de garantir sua independência econômica, a saber: mulheres, crianças, desempregados e trabalhadores assalariados. Não se trata de preconceitos de gênero ou de classe, mas sim da preocupação com a possibilidade de que estas pessoas possam vender seu voto aos indivíduos dos quais dependem economicamente (respectivamente: os maridos, os pais, os empresários). Desta preocupação se acompanha frequentemente a idéia de que somente quem possui uma propriedade a ser salvaguardada tem um verdadeiro interesse nos negócios públicos e no bem comum (neste ponto os clássicos republicanos se assemelham muito àqueles liberais ao estabelecer uma ligação direta entre interesse privado - dos proprietários! - e interesse público).

Os neo-republicanos contrapõem a liberdade republicana à liberal e à democrática. Inspirando-se em parte em Constant e na sua distinção entre liberdade dos antigos e dos modernos, e em parte em Berlin e na sua distinção entre liberdade positiva e negativa, Pettit, no seu *Republicanism* (1997), distingue entre a liberdade negativa como não-interferência proposta pelos liberais,

a liberdade positiva como autogoverno das teorias democráticas e a liberdade como independência dos republicanos.

Liberdade e democracia

Nesta leitura, para os liberais, a liberdade seria simplesmente a liberdade que os indivíduos desfrutam ao se verem libertados de qualquer interferência nas suas ações. Contudo, já que a convivência humana precisa de regras, como demonstra o experimento mental do estado de natureza, e já que cada sistema de leis representa uma interferência na liberdade individual, não é possível alcançar uma liberdade absoluta (como querem alguns libertários extremos ou os anárquicos), e a maior preocupação dos liberais seria, então, a de reduzir esta interferência inevitável ao nível mínimo (como queria Locke) ou de torná-la quanto mais eficaz possível, independentemente do seu alcance (como queria Hobbes¹, segundo Pettit e Viroli). Deste ponto de vista, portanto, o liberalismo seria compatível com qualquer forma de governo, inclusive um governo despótico. Segundo Viroli, nenhum republicano, pelo contrário, chamaria de liberdade a presumida liberdade concedida com espírito magnânimo por um déspota “liberal”, que permitisse, por um lado, aos seus súditos fazer o que eles quisessem, mas, por outro lado, se reservasse o poder de privá-los desta permissão a qualquer momento (*Repubblicanesimo*. Roma / Bari: Laterza, 1999, pág. 25).

Os neo-republicanos recusam também o conceito positivo de liberdade entendida como autonomia ou autogoverno, e que constituiria uma idéia típica da

¹ Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirmar, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

tradição radical-democrática. Viroli define democracia como a forma de governo na qual o poder de decisão é exercido pela totalidade ou pela maioria dos cidadãos. Portanto, nela haveria um império dos homens e não das leis, e por isso cada lei, também quando resulte de um processo democrático, é arbitrária: “Uma lei aceita voluntariamente pelos membros da mais democrática das assembléias pode igualmente ser uma lei arbitrária que permite que alguns forcem a vontade de outros e, portanto, os privem da sua autonomia” (Ibid., pág.27).

A concepção republicana, pelo contrário, não identifica a liberdade com a autonomia ou com o autogoverno, e se fundamenta no império das leis e não dos homens. A autonomia, entendida como a faculdade de dar a si mesmo leis, é tão-somente um instrumento para viver livremente, mas não é o único nem o decisivo. A garantia para a salvaguarda da independência da república e dos cidadãos não se encontra na criação das leis pelos próprios cidadãos, mas sim no fato de as leis visarem ao bem comum e não ao bem particular de indivíduos ou grupos. O processo democrático de legislação não apresentaria nenhuma garantia neste sentido.

A liberdade republicana consiste, então, não na mera ausência de uma interferência arbitrária *real*, mas sim na ausência de qualquer interferência arbitrária *possível*, e não corresponde à autonomia legislativa dos cidadãos, antes à salvaguarda do império das leis. Ambos os pontos me parecem discutíveis. Parece-me que nenhum pensador liberal, com a exceção parcial de Hobbes (por causa da sua peculiar concepção mecanicista da liberdade), pensaria em defender uma definição de liberdade entendida como simples ausência de interferência concreta por parte da autoridade política ou de outros sujeitos. Muito pelo contrário, o liberalismo nasceu da exigência de garantir a todos os indivíduos o respeito incondicionado de um espaço de ação, de uma esfera privada, em suma, de liberdades individuais (sejam essas definidas como forem). Nenhum liberal consideraria

aceitável a situação imaginada por Pettit, a saber, a de um déspota benevolente que esteja disposto a conceder tais liberdades, mas reserve-se o direito de violá-las a seu bel-prazer. Um dos pontos sobre o qual todos os pensadores liberais (incluído Hobbes) sempre insistiram foi, em primeiro lugar, a criação de uma situação de segurança jurídica (que foi o germe do Estado liberal de direito): os cidadãos devem possuir a certeza de que seus direitos são invioláveis e subtraídos ao arbítrio do soberano. Pelo menos deste ponto de vista, liberais e republicanos parecem compartilhar a mesma concepção de liberdade como independência da dominação alheia.

A verdadeira diferença existe entre a posição republicana e a radical-democrática. Conforme a leitura desta última, feita pelos neo-republicanos, a soberania popular seria ilimitada e não se deteria perante nada, incluídas as liberdades individuais. Numa democracia radical nos depararíamos justamente com a situação acima mencionada: os direitos individuais dependeriam do arbítrio do soberano, embora neste caso o soberano seja o povo na sua totalidade. Não há contradição entre esta leitura e a definição da república como comunidade política que se autogoverna, pois numa república quem governa são as leis, cuja autoridade é garantida principalmente pela sua antiguidade.

Para finalizar esta breve análise do republicanismo, cabe salientar que os republicanos da tradição clássica apontam todos para a necessidade de que haja entre os cidadãos uma certa igualdade econômica. Onde houver cidadãos tão pobres que eles venderiam seu voto, não pode florescer uma república. Este assunto da igualdade econômica, contudo, é deixado de lado pelos neo-republicanos hodiernos.

IHU On-Line - O que é ser de esquerda hoje? Ainda é possível entendermos a política sob as denominações de esquerda e direita?

Alessandro Pinzani - Esta é uma questão muito complexa. Tentando simplificar, poderíamos dizer que ser de esquerda significa ter uma preocupação com a justiça social, sem, contudo, cair numa visão nacionalista, mas mantendo uma forte sensibilidade para questões de justiça social em outros países. Sem este viés internacionalista, a “esquerda” não se distinguiria muito de uma direita social ou de um populismo nacionalista. Para dar um exemplo concreto: ser de esquerda significa apoiar não somente o MST brasileiro, mas também a luta dos bolivianos contra a atitude imperialista da Petrobras. Já ouvi colegas “de esquerda” fazer discursos marcadamente nacionalistas, neste respeito. Não é suficiente lutar contra o imperialismo econômico e político norte-americano: é preciso lutar contra o imperialismo em todas as suas formas independentemente do país que o exerce.

Ser de esquerda significa hoje se preocupar com questões de redistribuição das riquezas, mas também com questões de gênero e de reconhecimento de direitos de minorias (culturais, religiosas, sexuais, raciais). Um esquerdista machista ou homófobo ou racista é uma contradição. Deste ponto de vista, tenho a impressão que certos setores da esquerda brasileira tenham ainda muito caminho pela frente... Como há uma esquerda mais “avançada” e uma mais “retrógrada”, dogmática, presa em aparelhos conceituais superados e incapazes de descrever o mundo globalizado e as novas lutas pelo reconhecimento, há uma direita mais esclarecida e uma mais tradicional. A primeira se nutre das idéias neoliberais, cuja força é tal que elas entraram nos programas de muitos partidos de esquerda (deste ponto de vista, acho que o verdadeiro risco não é primeiramente o domínio da esfera de economia sobre a política, pois ele poderia ser revertido; antes o fato de que os políticos de todas as cores pensam só em termos econômicos, como se sua tarefa fosse tão-somente a de garantir a chegada de investimentos estrangeiros, de

conter a inflação, de flexibilizar o mundo do trabalho - todas finalidades que se deixam atingir só com altos custos sociais). Com esta direita “esclarecida” é possível dialogar, pois ela pode aceitar que uma diminuição das desigualdades econômicas e sociais é condição essencial para a estabilidade do país (contudo, dificilmente ela aceitará que se trata de uma questão de justiça, em primeiro lugar).

A direita mais tradicional segue escrava de uma visão do mundo na qual as desigualdades sociais são fatos naturais ou até positivos, e na qual os pobres são tais ou por escolha (por não ter vontade de trabalhar, etc.), ou por razões naturais (pensem nas explicações racistas do tipo “negro é preguiçoso”), ou por razões históricas contra as quais nada pode ser feito. A idéia é de que o País deveria ser governado pela elite (e *para* a elite...) e de que o interesse desta última corresponde ao interesse do país. Daí o desprezo para os eleitores pobres, que votariam com o estomago ou o coração e não com a cabeça (como se votar num candidato porque promete desagravos fiscais à elite fosse mais racional do que votar num candidato que promete programas de auxílio para os miseráveis).

IHU On-Line - Precisamos repensar a democracia representativa no Brasil? A estrutura partidária ainda tem espaço na sociedade hiperindividualista em que vivemos?

Alessandro Pinzani - Como estrangeiro, não é fácil falar deste tipo de questões. Contudo, o problema da democracia no Brasil me parece ser menos a estrutura partidária em si e mais a cultura política do país (não esqueçamos que o Brasil é uma democracia de verdade faz menos de vinte anos). Minha impressão é de que no Brasil o poder seja ainda pensado de forma patrimonialista: quem ganha as eleições se torna dono do poder e pode fazer dele o que quiser. Isso vai contra aquele sentimento da coisa pública no qual falava

anteriormente e que falta, justamente, no Brasil. Assim, em vez de considerar-se simplesmente o depositário da vontade popular, chamado a exercer o poder em nome de e para o povo, o homem político que assume um cargo faz do poder um uso privado, visando, em primeiro lugar, a favorecer a si mesmo, sua família, os amigos, os companheiros, seus partidários etc. Fico sempre perplexo ouvindo, por exemplo, candidatos ao cargo de governador declararem, depois de uma vitória no segundo turno, que não se vingarão das cidades ou regiões que votaram em sua maioria no adversário; ou uma governadora da oposição pedir ao presidente eleito que não desconsidere o seu estado só por estar nas mãos de um partido adverso. Isso demonstra que a visão patrimonialista do poder perpassa todos os partidos e todos os níveis de exercício do poder (como, no fundo, se pode constatar na própria política acadêmica, que não é isenta deste tipo de fenômenos).

IHU On-Line - É o momento de pensarmos em novos mecanismos políticos? Se sim, quais e como seriam eles? Com mais participação da sociedade civil?

Alessandro Pinzani - Pessoalmente desconfio da assim chamada “sociedade civil”. O que ela seria, exatamente? Muitas vezes, parece-me que, com tal termo, se queira falar em políticos não-“profissionais”, por assim dizer. Aí, como italiano, penso com horror em Berlusconi, que conseguiu ser eleito, apresentando-se como representante da sociedade civil *sã* contra a classe política corrupta. Mas é difícil, se não impossível, que um empresário que chega a ser o homem mais rico do País possa ser imune da corrupção - no caso de Berlusconi, ele foi antes um dos principais fomentadores do sistema e dos partidos mais corruptos. Se, pelo contrário, entendemos com tal termo os cidadãos comuns, uma maior participação seria bem-vinda. Só que não é fácil pensar em novos mecanismos. Hannah

Arendt¹, que, com certeza, não era uma comunista ou uma esquerdista, ficou positivamente impressionada pelo sistema dos conselhos que foi utilizado em várias revoluções européias: na Alemanha das *Räterrepubliken* de Berlim, Munique, etc. (1918-19), na revolta da Hungria de 1956, na própria revolução soviética de 1917 (*soviet* significa, justamente, “conselho”). Tal sistema representa uma união de democracia direta e de democracia representativa, mas resulta de difícil aplicação em países grandes e em sociedades altamente complexas como a nossa. Acho que seria já um ótimo resultado se os eleitores conseguissem fiscalizar e responsabilizar seus representantes com maior atenção. Mas é difícil mobilizá-los até para discutir questões locais

¹ Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget. Sobre Arendt, confira o número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, e a edição 206, de 27 de novembro de 2006, sob o título *O mundo moderno é o mundo sem política*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

que os atingem diretamente, como demonstra a participação relativamente baixa em mecanismos decisórios como o orçamento participativo. De novo, a solução consistiria em despertar um maior sentimento da coisa pública, mas isso não é coisa que se aprenda na teoria, mas sim na prática, através da participação concreta; só que esta última pressupõe um mínimo de senso da coisa comum, que é justamente o que falta: um círculo vicioso difícil de quebrar.

***IHU On-Line* - Qual deve ser o papel do intelectual no processo político? E do filósofo?**

Alessandro Pinzani - O intelectual deve, em primeiro lugar, ver-se como cidadão. Ele deve ser o primeiro a possuir aquele sentimento da coisa pública, sem o qual não é possível uma verdadeira democracia. A partir daí, ele pode passar a ser a consciência crítica dos seus concidadãos, o Grilo Falante de *Pinóquio*, que fala as verdades que incomodam e que, portanto, ninguém quer ouvir - como Sócrates, o grande questionador sempre pronto a abalar com a voz da razão as “certezas” e as crenças tradicionais dos Atenenses. Ele deveria questionar o que parece óbvio, exortar a mudar o que parece imutável. Oferecer aos concidadãos aquelas visões que os políticos já não sabem oferecer, mas sem ter a tentação de tornar-se político ele mesmo. Aliás: claro que ele pode, mas deveria ser consciente de que boas idéias não são suficientes para ser um bom político. E, sobretudo, ser modesto e consciente do fato de que suas idéias e opiniões podem sempre resultar erradas. O que, para muitos intelectuais, não é nada fácil...

Filme da semana

C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA FORAM ASSISTIDOS POR ALGUM COLEGA DO IHU.

Ficha Técnica:

Nome original: CRAZY

Cor filmagem: Colorida

Origem: Canadá

Ano produção: 2005

Gênero: Comédia - Drama

Duração: 127 min

Classificação: livre

Reproduzimos a crítica de Mario “Fanaticc” Abbade sobre o filme destacado nesta edição. O texto foi originalmente publicado no site Omelete (www.omelete.com.br) no dia 23-11-2006.

Depois das enormes bilheterias no Canadá, C.R.A.Z.Y. - Loucos de amor (C.R.A.Z.Y., 2005) continuou seu sucesso no mercado independente mundial. O filme ganhou vários prêmios em festivais e deu prestígio ao diretor Jean-Marc Vallée. Ele já está sendo visto como um possível candidato a fazer parte do seleto hall dos atuais cineastas canadenses mais relevantes, como David Cronenberg, Denys Arcand e Guy Maddin.

O filme se inicia em 25 de dezembro de 1960, quando Zachary Beaulieu (atores Emile Vallée como criança e Marc-André Grondin como o adolescente) vem ao mundo. É o quarto entre cinco irmãos, todos meninos, cujas iniciais formam a palavra "crazy" (louco). O filme acompanha os 20 primeiros anos da vida de Zachary. A infância é marcada pelos aniversários natalinos em que seu pai (Michel Côté), invariavelmente, encerra a festa imitando Charles Aznavour. Sua adolescência traz descoberta de uma sexualidade diferente e sua negação profunda para não decepcionar a família. E a

maturidade, enfim, chega com uma libertadora viagem mística por Jerusalém, a cidade que sua mãe (Danielle Proulx) sempre sonhou conhecer.

O projeto levou dez anos para ficar pronto. O roteiro foi escrito por Vallée e François Boulay, baseado nos diários de Boulay. O argumento também conta com passagens da vida pessoal do diretor. Especialmente as cenas da mãe devota e do pai apaixonado por música. Mesmo tendo sido escrito das experiências da dupla, o contexto será reconhecido por qualquer pessoa pertencente a uma família numerosa. E mesmo com essa premissa o filme não cai no melodrama. A história mistura de forma inteligente o sagrado e o profano, o pessoal e o universal. Interessante que o tema não se concentra na descoberta sexual, mas sim sobre o amor.

Os pais não são retratados como vilões, mas como duas almas compassivas e honestas que realmente querem o melhor para seus filhos. São bons pais, em outras palavras, personagens críveis. Mas o tratamento

para com os personagens não foi igual para todos. Vallée negligencia dois dos irmãos, que nem parecem estar no filme, já que surgem e somem na mesma rapidez.

Mas isso não impediu de Vallée destilar toda a sua habilidade técnica para contar mais de 20 anos de história. Truques cinematográficos aumentam a carga dramática das cenas. Ele utiliza close-ups, ângulos diferenciados, slow-motion e charme nas imagens de pessoas fumando. A cenografia de Patrice Bricault-

Vermette se encaixa perfeitamente à proposta visual. Tudo isso embalado por uma trilha sonora apaixonante com as músicas de Patsy Cline, David Bowie, Pink Floyd, Rolling Stones, Charles Aznavour e The Cure, entre outras feras.

O resultado retrata com dignidade as habituais dúvidas que surgem na adolescência.

Como se determina a orientação sexual? É uma "escolha" livre ou uma fatalidade?

Também reproduzimos o artigo do psicanalista Contardo Calligaris a respeito do filme publicado originalmente no jornal Folha de São Paulo no dia 7-12-2006.

Está em cartaz "Crazy - Loucos de Amor", de Jean-Marc Vallée (canadense de língua francesa). É a história de Zac, um garoto que se torna adulto e homossexual entre uma mãe religiosa, um pai banalmente machista e quatro irmãos.

O filme é uma pérola: delicado, engraçado e comovedor. Além disso, ele é uma obra de utilidade pública. Ao longo dos anos, muitas vezes, encontrei e tentei aconselhar casais que lidavam, de maneiras diferentes, com a descoberta de que seu filho (ou um de seus filhos) era homossexual. As reações variavam, desde uma aprovação maníaca (que, em geral, escondia um desespero reprimido) até a decisão sádica de impor a normalidade a tapas ou à força de excursões obrigatórias ao bordel. Pois bem, hoje, a todos esses pais de um jovem homossexual, sem exceção, recomendaria que, antes mesmo de começar a conversa, eles assistissem a "Crazy". Estenderia a recomendação aos eventuais irmãos do jovem, aos amigos, aos colegas de colégio e de

trabalho.

Deixo aos espectadores o prazer de uma história que, para usar uma expressão na moda, melhora singularmente nossa "inteligência emocional". E aproveito para resumir um debate que o filme reavivou.

Falando com um amigo sobre a história de Zac, usei a expressão "escolha sexual" (diga-se de passagem que, no filme, Zac é perfeitamente "capaz" de desejar e talvez de amar uma mulher). O amigo desaprovou energicamente minha expressão. E lá fomos nós, discutindo, mais uma vez: a orientação sexual é fruto de uma especificidade genética ou é um efeito da história do sujeito? Além disso, é uma fatalidade ou uma "escolha"? Chegamos a algumas conclusões provisórias, que resumo a seguir.

1) Os dados científicos não são conclusivos. Por exemplo, os estudos sobre gêmeos univitelinos (que já comentei no passado, nesta coluna) deixam, sobretudo, perplexidade:

seria esperado que uma maioria esmagadora de irmãos gêmeos, por compartilharem o mesmo patrimônio genético, tivesse uma orientação sexual idêntica, mas as pesquisas mostram que isso acontece em pouco mais de 50% dos casos -uma maioria pequena, que poderia ser explicada pela infância comum.

2) De qualquer forma, o termo "escolha sexual" é, no mínimo, impreciso: ele sugere uma liberdade que, de fato, nunca existe em matéria de amor e sexo. Em geral, a fantasia que sustenta o desejo de cada sujeito (homossexual ou não) é mais próxima de uma imposição do que de uma criação livre e variável: não é uma coisa que a gente "escolha".

3) A razão para defender a expressão "escolha sexual" ou, então, seu contrário (por exemplo, "determinação sexual") é sobretudo política. Muitos sujeitos cuja conduta amorosa e sexual é excluída, perseguida ou censurada preferem, hoje, que a forma de seu desejo seja considerada por todos como uma necessidade biológica. Com isso, eles se libertariam das tentativas (ridículas e opressivas) de "corrigir" o que, para eles e de fato, é um desejo não negociável (que pode ser reprimido, mas não "endireitado"). Em suma, eles esperam ganhar uma aceitação social definitiva, visto que não há como se opor "à natureza".

Por que não adotar esse argumento, considerando que, de qualquer forma, a expressão "escolha sexual" é incorreta?

Eis minha resposta: no mundo dos meus sonhos, as mais variadas orientações sexuais e amorosas seriam aceitas sem a justificativa de determinação biológica alguma, mesmo se elas fossem livres escolhas dos sujeitos.

Um exemplo vai ser útil. Uma filósofa libertária que admiro, Jeanne Hersch (que morreu em 2000), foi minha professora na época em que ela dirigia a divisão de filosofia da Unesco. Nessa função, ela teve que decidir se a Unesco financiaria ou não uma pesquisa para demonstrar que não existem diferenças de inteligência entre raças. Hersch votou contra o projeto, pela indignação de boa parte de nós, estudantes. Os filósofos apreciarão o sabor kantiano de seu argumento, que foi o seguinte: é verdade que a pesquisa poderia desmentir cientificamente muitos estereótipos raciais e racistas, mas autorizar a pesquisa significaria admitir, mesmo por um instante, que a igualdade de direito possa derivar da igualdade de fato. Isso era, para Hersch, inaceitável. Seguindo sua lição, prefiro defender o princípio da liberdade de "escolha" amorosa e sexual, sem justificativa biológica. É muito "crazy"?

Terra habitável

A editoria *Terra habitável* reproduz informações das *Notícias Diárias* do sítio do IHU sobre meio ambiente. As notícias podem ser conferidas na íntegra nas datas correspondentes.

“O Rio dos Sinos está morto. O último desastre foi o suspiro final”

Em entrevista exclusiva a *IHU On-Line*, o Secretário do Meio Ambiente de São Leopoldo, **Darci Zanini**, contou às ações que as prefeituras têm feito para a solução do problema que gerou o maior desastre ambiental do Rio

Grande do Sul nos últimos 40 anos, quando mais de uma tonelada de peixes morreram em decorrência da falta de monitoramento do **Rio dos Sinos** e seus arroios. Confira nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Economia Criativa aponta caminhos para desenvolvimento sustentável

Quando, em 1958, **John Kenneth Galbraith**, estudioso economista do capitalismo americano, profetizou que, em um futuro não muito distante, o motor da economia seria a produção e o consumo de bens culturais, poucos foram os que deram a atenção devida ao assunto. **Galbraith** já acrescentava que o sistema de distribuição

seria excludente e divisor da sociedade, tanto entre aqueles que teriam o acesso ao consumo desses bens, quanto aos países e indústrias que centralizariam a produção e, principalmente, a distribuição das produções. A reportagem é da **Agência Carta Capital**, 11-12-2006. Confira nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

“A redução da área florestal é a causa primordial da perda da diversidade no mundo”

Em entrevista exclusiva a *IHU On-Line*, o doutor em Ecologia, **Niwton Leal Filho**, falou sobre a **devastação da Amazônia**. Na entrevista Niwton falou também do desempenho da Ministra do Meio Ambiente, **Marina Silva**, e das necessidades que a Amazônia tem para frear este

problema. Atualmente, **Niwton** é pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, atuando, principalmente, nos temas que envolvem a regeneração natural da floresta tropical e no manejo florestal sustentado. Confira nas *Notícias Diárias* de 13-12-2006.

Justiça proíbe CTNBio de aprovar milho transgênico

Um juiz federal do Paraná determinou ontem que a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) suspendesse as análises do pedido de liberação do milho transgênico Liberty Link, da Bayer. O grão foi

geneticamente modificado para ficar resistente a herbicidas. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 15-12-2006. Confira nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

Nova mortandade no Sinos

Dois meses depois de 85 toneladas de peixes morrerem nas águas do Rio dos Sinos por falta de oxigênio, a tragédia se repetiu. Desta vez pelo menos 15 toneladas de peixes foram atingidas no trecho entre a foz do Arroio

Portão e o Pesqueiro, uma comunidade rural de Sapucaia do Sul. A notícia é do jornal *Zero Hora*, 18-12-2006. Confira nas *Notícias Diárias* de 18-12-2006.

Culpar ambiente por atraso no crescimento é 'falso dilema', diz Marina

A ministra do Meio Ambiente, **Marina Silva**, classificou como um 'falso dilema' o debate sobre o desenvolvimento do País ser atrasado por culpa de questões ambientais. Anteontem, em um jantar de empresários e organizações sociais, em São Paulo, ela novamente negou que obras

públicas estejam paradas por causa do licenciamento ambiental. 'Precisamos conciliar desenvolvimento e ambiente e incluir sustentabilidade', disse Marina. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 18-12-2006. Confira nas *Notícias Diárias* de 18-12-2006.

Frases da semana

Morre o ditador sanguinário e corrupto

“Uma ditadura tão cruel deixa seqüelas. A sociedade foi tão ultrajada que hoje ela é mais conservadora. A herança de Pinochet segue presente” - **Antonio Skármeta**, escritor chileno - **Clarín**, 12-12-2006.

“Pinochet era a personificação da tirania, o culpado pelos assassinatos que tornaram o Chile numa cópia infiel do inferno” - **Ariel Dorfman**, escritor chileno - **Clarín**, 12-12-2006.

“Não se hasteou a bandeira nacional a meio pau no Palácio La Moneda porque ele (Pinochet) derrubou essa bandeira” - **Belisario Velasco**, ministro do Interior do Chile - **El País**, 12-12-2006.

“Para os senhores advogados, o poder provém do povo. Para mim, provém de Deus” - **Augusto Pinochet** falando para uma delegação brasileira em 1982 como recorda **Jarbas Passarinho** - portal **G 1**, 12-12-2006.

“Foi um homem (Pinochet) que, num momento azado (oportuno), salvou o Chile de ser um país marxista presidido pelo Allende, que chegou a receber Fidel Castro em Santiago com toda a pompa. Ele deixa o Chile numa situação econômica estável e invejável, cuja recuperação é fruto do seu governo” - **Jarbas Passarinho**,

coronel da reserva e ex-ministro das ditaduras militares brasileiras - portal **G 1**, 12-12-2006.

“Nunca senti ódio de Pinochet. Nunca poderia sentir. O que senti sempre é uma sensação de que é um ser desprezível que traiu seu juramento, que nunca enfrentou a justiça, que nunca foi capaz de se submeter aos tribunais, e inclusive se humilhou a tal ponto que simulou uma demência senil...” - **Isabel Allende**, filha de Salvador Allende - **El País**, 12-12-2006.

“O Pinochet não morreu do coração porque ele não tinha coração!” - **José Simão**, humorista - **Folha de S. Paulo**, 13-12-2006.

”Eu sei a verdadeira "causa mortis" do Pinochet: abstinência de tortura. Há quantos anos ele não torturava ninguém, coitado do véinho. Perdeu a razão de viver” - **José Simão**, humorista - **Folha de S. Paulo**, 13-12-2006.

“E uma coisa é unânime: ele foi para o inferno. Foi ser ditador do inferno. Acabou o descanso do diabo!” - - **José Simão**, humorista - **Folha de S. Paulo**, 13-12-2006.

Lula e Delfim

“É que agora sou amigo do Delfim Netto. Passei 20 e poucos anos criticando o Delfim e agora ele é meu amigo

e eu sou amigo dele” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 12-12-2006.

Salário dos deputados

"Me sinto envergonhada de ser vista pela sociedade como uma das pessoas que vão ter aquele salário"- Luíza

Erundina, deputada federal - PSB/SP - **O Estado de S. Paulo**, 17-12-2006.

O poder

"As pessoas que têm poder imaginam que podem muito, quando sempre podem pouco"- Cláudio Lembo, governador de São Paulo pelo PFL - **O Estado de S. Paulo**, 17-12-2006.

"Se não pude deixar de ser ridículo, pelo menos tentei ser divertido" - Cláudio Lembo governador de São Paulo pelo PFL - **O Estado de S. Paulo**, 17-12-2006.

PMDB

"Acho que o PMDB vai acabar engolindo o PT. Eleitoralmente, o PMDB tem tudo para superar o PT na eleição presidencial, nas eleições futuras" - **Orestes Quércia**, presidente reeleito do PMDB-SP - **Folha de S. Paulo**, 18-12-2006.

"Eu involui. Eu era um socialista fabiano e me perdi depois no mercado" - **Delfim Netto**, deputado federal - PMDB-SP - **Folha de S. Paulo**, 18-12-2006.

"Nós estamos fazendo uma coalizão com o presidente Lula, não com o PT" - **Orestes Quércia**, presidente reeleito do PMDB-SP - **Folha de S. Paulo**, 18-12-2006.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Entrevista com Daniela Knauth

Título: Direitos Sexuais e Reprodutivos

Uma questão bastante discutida no Brasil, principalmente nestas duas últimas décadas, é o direito sexual e reprodutivo. A doutora em etnologia e antropologia social, Daniela Knauth, falou sobre as questões que foram abordadas no Seminário Sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos no âmbito do Cone Sul. Confira nas *Notícias Diárias* de 14-12-2006.

Entrevista com Alessandra Sapoznik

Título: O crescimento dos distúrbios alimentares.

Em entrevista à *IHU On-Line*, a psicanalista Alessandra Sapoznik falou do histórico dos distúrbios alimentares, dos tratamentos e do perfil dos doentes. Confira nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Artigo de Manuel A. Garretón

Título: Uma lição, uma apreensão e uma esperança.

“A esperança, morto Pinochet é que a história que se se vai ensinar às novas gerações o mantenha longe das figuras oficiais e o mostre com todo o seu horror. Nisso, o governo, o Parlamento e as instituições, espirituais e intelectuais têm a responsabilidade maior”, afirma Manuel A. Garretón, sociólogo chileno em artigo publicado no jornal *Clarín*, 11-12-06, a respeito da morte de Pinochet. Confira o artigo nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Artigo do sociólogo José Pablo Feinmann.

Título: “Augusto Pinochet, assassino”.

“Que se faça um busto seu em todos os países com uma placa. Que essa placa diga: ‘Augusto Pinochet, assassino’. Porque esquecê-lo seria como esquecer de

Auschwitz, o Estádio Nacional, a ESMA”. Assim conclui o seu artigo o sociólogo argentino José Pablo Feinmann, professor na Universidade do Chile para o *Página/12*, 11-12-06. Confira o artigo nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo

Título: Réquiem para o ditador.

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, e professor titular do Instituto de Economia da Unicamp, em artigo publicado no jornal *Valor* analisa a política econômica neoliberal implantada na América Latina a partir da ditadura Pinochet. Confira o artigo nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Artigo de Vinicius Torres Freire**Título: O exemplo chileno falsificado**

Vinicius Torres Freire comenta, em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, 12-12-2006, o comentário costumeiro na boca dos liberais: "Claro, **Augusto Pinochet** foi um ditador sangrento, mas...". Mas o quê? "Colocou o Chile na rota do crescimento sustentável." Confira o artigo nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Artigo de Sílvia Ribeiro.**Título: Chip espião - Um mundo sem privacidade!**

O advento de uma nova tecnologia, o sistema RFID (Identificação por Radiofrequência) ganha rapidamente mais espaço no mercado. O perigo do RFID está na capacidade que governos e companhias podem ter em rastrear informações pessoais. A análise dessa nova tecnologia é feita por **Sílvia Ribeiro**, pesquisadora do grupo ETC para o *La Jornada*, 10-12-06. Confira o artigo nas *Notícias Diárias* de 14-12-2006.

Entrevista com Marcio Pochmann**Título: Baixa remuneração achata a classe média.**

Estudo divulgado nesta semana pela Unicamp mostrou que o número de postos de trabalho está crescendo no País, embora a massa salarial esteja em queda livre. Para o autor da pesquisa, economista **Marcio Pochmann**, os números dão um recado claro: o modelo econômico brasileiro tem criado vagas de baixas remunerações, o que implica em um gradativo achatamento da classe média. Confira a entrevista nas *Notícias Diárias* de 12-12-2006.

Entrevista com Chico Alencar**Título: "Nós nos distanciamos 100% da sociedade"**

"Estamos nos distanciando 100% da percepção da sociedade quanto a nós como seus representantes", afirmou Chico Alencar em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 15-12-2006. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

Entrevista com José Múcio Monteiro**Título: "Salário de hoje afasta homens sérios"**

O líder do PTB, deputado **José Múcio Monteiro** (PE), disse que sem o aumento salarial a Câmara e o Senado correriam o risco de atrair apenas parlamentares interessados em se valer do mandato para atividades desonestas. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

Entrevista com Maurizio Lazzarato**Título: "Os críticos do Bolsa Família deveriam ler Foucault..."**

Maurizio Lazzarato, sociólogo que se especializou na análise do trabalho imaterial, concedeu uma entrevista ao jornal *Valor*, 15-12-2006. Confira-a nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

Artigo de Gilberto Carvalho**Título: Deixa o homem trabalhar, sim, senhor!**

"Lula sabe que os próximos quatro anos são a grande chance que recebeu do povo brasileiro para realizar tudo o que ele sonha para o país", escreve **Gilberto Carvalho**, chefe do Gabinete Pessoal do presidente da República em artigo publicado no dia 15-12-2006, no jornal *Folha de S. Paulo*. Confira a reprodução nas *Notícias Diárias* de 15-12-2006.

Entrevista com Olgária Matos**Título: "Lula foi votado maciçamente pelo capital financeiro e pelos pobres"**

"Lula foi votado maciçamente pelo capital financeiro e pelos pobres. Ele atende a duas classes sociais antagônicas", afirmou a filósofa **Olgária Matos** em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, 17-12-2006. Segundo ela, "a eleição de Lula significou, do ponto de vista simbólico, uma ruptura interessante no País. Confira nas *Notícias Diárias* de 17-12-2006.

A conjuntura da semana nas Notícias Diárias do IHU

UMA ANÁLISE DO CEPAT SOBRE O QUE FOI PUBLICADO DE 10 A 15 DE DEZEMBRO DE 2006.

Pinochet – a iconografia do horror

A morte de **Pinochet** foi o acontecimento político da semana. Nas **Notícias Diárias** postadas no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu de 10 a 15 de dezembro, se encontram 33 notas sobre a morte do “ditador sanguinário”, divididas em artigos, análises, reportagens e entrevistas.

O conjunto da leitura dessas notícias age como um mosaico iconográfico em nossa mente e dá vazão a um profundo sentimento de indignação, repulsa, ódio e impotência. Sobrevêm ao pensamento as atrocidades cometidas com requintes de crueldade inimagináveis e o sofrimento lancinante de milhares de pessoas e suas famílias. A pele se eriça e o arrepio é inevitável.

Acompanha a leitura das notas uma indignação profunda, seguida de raiva e tristeza. Sentimentos esses melhor descritos por quem viveu e acompanhou o horror do pinochetismo, como nos relatos de **Clayton Netz** (“Um campo de concentração no Estádio Nacional. Um depoimento”), de **José Pablo Feinmann** (“Augusto Pinochet, assassino”), de **Ariel Dorfmann** (“A meia-vida de um déspota”); de **Orlando Letelier** (“Meu caso contra o general”); de **Orlando Letelier** (“Meu caso contra o general”). O depoimento de Letelier, filho do ex-chancellor de Allende, é impressionante. Outra iconografia que nos leva ao Chile nesses últimos dias, que se exorciza de um fantasma, é o gesto do neto do general **Carlos Prats**, o jovem pintor **Francisco Cuadrado** (ver a nota: “Neto de Prats cuspiu no caixão de Pinochet”). A cusparada de Francisco Cuadrado funciona como uma catarse coletiva daqueles que mesmo sem

nunca terem vivido esse período tomaram conhecimento dos horrores praticados pelo “general assassino”.

A morte de Pinochet, aquele a quem até a terra vomitará (ver a nota: “O que terá feito o inferno para merecer isto?”), revelam as **Notícias Diárias** coloca em relevo algo a mais. A de que o ditador para além de ser conhecido como sanguinário, corrupto e ladrão e inaugurador do terror transfronteira (ver a nota: “Operação Condor eliminou fronteiras da repressão política”) levou o Chile à bancarrota econômica. Desmistifica-se assim o mito de que a “modernização” do país aos pés da cordilheira do Andes deveu-se à ditadura. Mentira! A leitura das análises de **Gilberto Dupas** (“Chile mudou economia, mas manteve desigualdade”); de **Vinicius Torres Freire** (“O exemplo chileno falsificado”); e sobretudo de **Walden Bello** (“Friedman-Pinochet e o Sul globalizado”), mostram que a ditadura empobreceu ainda mais o povo chileno, com exceção de poucos do ‘andar de cima’, vinculados ao poder autoritário.

Que lição se tira da ditadura chilena? O artigo do sociólogo chileno **Manuel A. Garretón**, publicado no jornal **Clarín** e traduzido para as **Notícias Diárias** é um indicativo do que resta àqueles que procuram aprender com os acontecimentos históricos (conferir: “Uma lição, uma apreensão e uma esperança”). José Pablo Feinmann vai mais longe: “Que se faça um busto seu em todos os países com uma placa. Que essa placa diga: ‘Augusto Pinochet, assassino’. Porque esquecê-lo seria como esquecer de Auschwitz, do Estádio Nacional, da ESMA”.

Oaxaca – a fina película do terror

A execração pública da figura de Pinochet sempre esteve associada à violação permanente do Estado de direito por seu governo. Algo remoto? Não. Oaxaca, no México, agora mesmo em 2006, revela-nos que o Estado de exceção continua vigente. A introdução aos acontecimentos de Oaxaca se faz desnecessário para quem acompanha as **Notícias Diárias** publicadas pelo sítio do IHU. Desde meados de setembro trata-se de uma das melhores coberturas sobre a insurreição popular dos povos indígenas oaxaqueños. Um acontecimento importante porque se insere na dinâmica dos “novos movimentos sociais” -porta voz de um outro olhar sobre o poder, sintetizado na consigna “mandar obedecendo”. Olhar com atenção o que acontece em Oaxaca é ter sensibilidade para captar que ali se move a emergência

dos povos indígenas (ver a nota: “O tecido de que é feito a APPO” e “Os marxistas é quem tem de aprender com a gente”). Oaxaca, Chiapas, Evo Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador, trazem à tona a força do “povo esquecido” no nosso continente - os indígenas.

Dando seqüência ao que acontece em Oaxaca as **Notícias Diárias** trazem os relatos do jornalista **Pedro Carrano**, do **Brasil de Fato**, que se encontra na estado do sul mexicano. Chamamos a atenção para as matérias (“A Oitava Megamarcha da APPO” e “As mães da “Praça de Oaxaca”). As reportagens dão conta de que apesar da brutal repressão, mortes, agressões, prisões e desaparecimentos, o povo de Oaxaca resiste. Porém, não nos iludamos, aquilo que parecia enterrado com Pinochet, continua acontecendo

Uma outra integração latino-americana é possível?

O novo mapa político latino-americano não deixa dúvidas, depois do vendaval arrasa-quarteirão do neoliberalismo nos anos 1990, o continente deu uma guinada à esquerda, ao menos eleitoralmente. A eleição de presidentes como **Lula**, **Chávez**, **Kirchner**, **Evo Morales**, e agora **Rafael Correa** no Equador, indicam que o eleitorado latino-americano refutou o neoliberalismo. Isso significa que o eleitor do continente sul-americano é de esquerda? Não. Ao menos é o que indica a pesquisa do instituto chileno **Latinobarómetro** que desde 1995 apresenta anualmente pesquisas sobre o que os latino-americanos pensam da política, e afere o grau de credibilidade da democracia no continente (conferir a nota: “A análise do Le Monde a partir da pesquisa do Latinobarómetro 2006”). Por um lado, se se reconhece o eleitor latino-americano como não sendo de esquerda, por outro, é evidente que o voto é sempre pela mudança a partir dos mais pobres. A nova “coloração” mais à

esquerda possibilita pela primeira vez um outro tipo de integração latino-americana que não aquela dada apenas pela lógica do mercado.

Contudo, uma leitura das **Notícias Diárias** na semana que passou revela que um outro tipo de integração latino-americana encontra dificuldades. O debate em torno da integração foi reavivado por ocasião do encontro de Cúpula ocorrido em Cochabamba (Bolívia) entre os países latino-americanos. Em debate entre os países está a iniciativa de Integração de Infra-estrutura da América do Sul (IIRSA), um conjunto de obras consideradas fundamentais para a conexão física e energética do continente, que começou a ser organizado em 2002. O projeto consiste em 300 megaprojetos para a conexão física do continente, financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Corporação Andina de Fomento (CAF) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) do Brasil,

para impulsionar grandes obras (represas, gasodutos, estradas, portos, etc.) com a finalidade de alavancar o comércio Atlântico-Pacífico, colocando os recursos naturais sul-americanos à disposição do mercado global.

Chávez é um crítico da IIRSA da forma como vem sendo discutida. Ele prefere um processo de integração comandado por empresas estatais, diferentemente do que vem ocorrendo, com a atuação de empresas privadas, sob patrocínio de instituições multilaterais. A espinha dorsal do projeto de integração venezuelano é o gasoduto do Sul (conferir a nota: “Grande Gasoduto do Sul: coluna vertebral para a integração latino-americana”). Para Chávez “a integração na América Latina precisa de um ‘viagra político’” (ver a nota: “Chávez propõe ‘enterrar’ Mercosul”).

Na opinião do analista político uruguaio **Raúl Zibechi**, “a recente Cúpula da Comunidade Sul-americana de Nações (CSN), realizada em Cochabamba, deixou um sabor amargo. A maior parte dos presidentes da região

optou por um tipo de integração baseado em grandes obras de infra-estrutura, enquanto os movimentos sociais enfatizam os direitos dos povos”. O sociólogo responsabiliza em grande parte o Brasil por não se avançar em uma integração alternativa ao do mercado (conferir a nota: “As duas formas de se pensar a integração regional na A.L”).

Para os brasileiros, trata-se de um debate importante. Historicamente, temos dado as costas para a América Latina, porém o Brasil como potência econômica maior da região não pode se negar ao debate, e de suas decisões hoje teremos a integração latino-americana de amanhã.

Movimentos sociais

O movimento social brasileiro dá sinais de fôlego renovado às vésperas do segundo mandato do governo Lula. Após uma série de encontros nacionais (Assembléia Popular, CMS, Semana Social, Campanha da Vale, Consulta Popular, entre outras [re]articulações), os movimentos apresentaram ao governo Lula um documento com a suas propostas (ver a nota: “Movimentos sociais entregaram documento com propostas”). “Vamos querer disputar o governo com o capital financeiro e com os setores conservadores”, disse **João Paulo Rodrigues**, da coordenação nacional do MST sobre a conversa com Lula. João Paulo disse ainda que os movimentos sociais querem participar da construção de uma agenda nacional, “caso contrário, o presidente não tenha dúvida de que os movimentos sociais têm força”.

As lideranças indígenas aproveitaram também a reunião com Lula e pediram explicações sobre um discurso do presidente em que culpou índios e quilombolas por dificultar a construção de obras de infra-estrutura. “A gente quer saber por que o senhor disse que os povos indígenas e os quilombolas são entraves para o crescimento”, questionou **Jecinaldo Saterê Mawé**, da Coordenação das Organizações da Amazônia Brasileira na reunião. Lula se desculpou e disse que foi incompreendido.

Engana-se quem pensa que Lula terá moleza e apoio incondicional dos movimentos sociais para o segundo mandato. Uma rápida leitura das **Notícias Diárias** na semana que passou mostra que são muitas as frentes de litígio entre o governo cada vez menos petista e os

movimentos sociais. Vejamos alguma delas tomando como referência as **Notícias Diárias**: agronegócio (“Agronegócio quer mudanças na CTNBio para aprovar milho transgênico”), salário mínimo (“Centrais e governo encerram sem acordo reunião sobre o mínimo”),

Transposição do Rio S.Francisco (“Movimentos sociais prometem acirrar luta contra transposição”).

Essas são apenas algumas brigas que já estão acontecendo; outras virão proporcionalmente ao afastamento dos rumos do governo em relação às demandas dos movimentos sociais.

Grito da Terra: quem o ouve?

Multiplicam-se os estudos que mostram com que grau estamos interferindo no curso da natureza. Várias **Notícias** fazem referência ao aquecimento global (“Ártico fica sem gelo no verão em 2040, diz grupo”; “Aquecimento global já afeta até o espaço”; “O aquecimento reduzirá a produção de alimento oceânico”, todas do dia 13,) e ajudam a compreender a extensão do problema. Por muito tempo o mar estava fora das preocupações ambientais. A notícia acima, assim como diversas outras publicadas em meses anteriores, revelam que a “pegada ecológica” não se restringe à parte sólida do Planeta. Ou seja, atuando na terra estamos, de diversas maneiras, influenciando na vida marítima. Outra notícia, “A contaminação dos rios multiplica a mudança de sexo em peixes”, também publicada no dia 13, aponta para as conclusões de estudo sobre os impactos da poluição de rios sobre determinadas espécies de peixes. Há evidências que mostram a mudança de sexo em carpas, moluscos, expostos a águas poluídas com agentes químicos. Segundo o estudo, não se pode fazer uma relação automática com a saúde humana. Mas, é bom adiantar que o contrário também não está comprovado... As consequências do desmatamento na Amazônia é o

assunto da entrevista “A redução da área florestal é a causa primordial da perda da diversidade no mundo”. Entrevista especial com Niwton Leal Filho.

A questão subjacente está em que a Terra está dando sinais de cansaço. Ou como disse James Lovelock, a Terra em entrando em estado febril. Como evitar que a febre se transforme em doença sem cura? As resistências e as reações começam a aparecer, como se pode nas **Notícias** “ONGs temem mudanças na política ambiental do Brasil”, do dia 14, e “Economia Criativa aponta caminhos para desenvolvimento sustentável”, do dia 12. Terão essas forças, junto com os movimentos sociais, capacidade para fazer prevecer suas propostas? Como fazer com que todas as ações de cuidado com a Terra se expandam e se afirmem em políticas globais, regionais, mas também em mudanças de hábitos de consumo menos pesados para o nosso Planeta? Como mudar a lógica do mercado cega aos custos econômicos da produção? Haverá tempo se certas decisões forem postergadas? A Terra grita: quem ouve seus gritos? Um tema que deveria ser o centro das nossas ações e reflexões.

Tecnologia, produtividade, trabalho, sindicalismo

“Pela primeira vez o Brasil participa de um ciclo de revolução tecnológica com algum grau de proximidade no processo de transformação da base científica e tecnológica”, afirma o economista Marcio Pochmann na longa entrevista que concedeu ao blog do José Dirceu - “Brasil: uma sociedade polarizada entre muitos ricos e muitos pobres. Entrevista de Marcio Pochmann” (dia 15). Nas revoluções tecnológicas anteriores o Brasil ou não participou ou veio a se integrar posteriormente. Na atual, ao contrário, está tendo uma oportunidade singular, isso porque “os ganhos da inovação tecnológica não estão totalmente monopolizados. Não sei se, do ponto de vista político, nós teremos capacidade de aproveitar essa possibilidade técnica”, pondera. Apossar-se dos resultados da revolução tecnológica em andamento é fundamental pelas razões que o próprio economista aponta: a) permite ganhos de produtividade inéditos e intensos; b) aufere aumento da expectativa média de vida; c) permite uma redução significativa da jornada de trabalho; d) pode-se atrasar a entrada no mercado de trabalho para depois dos 25 anos de idade, o que tem um impacto significativo na vida de milhões de jovens que não da classe alta, que já se enquadram nesta realidade.

Ou seja, a revolução tecnológica em curso põe sobre a mesa de debates ao menos duas bandeiras históricas do movimento operário e do conjunto dos trabalhadores de todos os tempos: a redução do tempo de trabalho e a partilha do trabalho social necessário, o que afeta de modo singular os jovens. André Gorz já há anos vem chamando a atenção para estes dois pontos. Para ele, a com a nova revolução tecnológica já não necessita de todo o trabalho dos trabalhadores, bem como do trabalho de todos eles, uma vez que há um significativo aumento da produtividade.

No entanto, a simples possibilidade tecnológica não é suficiente para que suas potencialidades se transformem em práticas. Pochmann, mas também Gorz, chamam a atenção para a vontade política. Diz Pochmann: “há uma possibilidade técnica de alterar profundamente o padrão de trabalho e sua relação com a vida humana. Mas para tanto, são necessárias novas condições

políticas que possibilitem a formação de uma grande convergência em torno da alteração da sociabilidade laboral”. Enfim, o economista levanta temas de extrema relevância para o debate, pois mexem com a organização social do trabalho e com o tipo de sociedade que desejamos. Vale a pena atentar para a valorização do “imaterial” na sua entrevista.

Também a entrevista do Lazzarato aponta para os perigos de deixar o econômico ao seu bel prazer. Na notícia do dia 15, “Os críticos do Bolsa Família deveriam ler Foucault...” Entrevista com Maurizio Lazzarato, o sociólogo italiano resgata Hobbes que dizia que “a economia funciona na base do interesse”, ao passo que, apoiando-se em Foucault, “a política funciona na base da transferência de direitos”. Para ele, a articulação entre as duas esferas é dada pelo social. Sob esse ponto de vista defende o Bolsa-Família do governo Lula como não assistencialista: “O mais correto seria falar de investimento social, pois a divisão entre a assistência e o trabalho produtivo ou improdutivo é construída em torno de uma lógica industrial agora obsoleta.”

Da sua entrevista vale a pena ainda recuperar um outro elemento interessante para compreender a sociedade do consumo: para ele, “as empresas não produzem mais apenas objetos-mercadorias. As empresas produzem mundos, isto é, mundos dentro dos quais existem os objetos. Antes de vender os objetos, as empresas precisam vender um mundo. Esse mundo afeta o corpo, sentimentos, intelecto, ou seja, o conjunto da subjetividade.” Vender mundos, é o que importa...

Destacamos ainda as duas matérias publicadas no dia 15 - “O sindicalismo está morto. Viva o sindicalismo!” e “Sindicalismo. Ventos favoráveis só mesmo na China” - que tratam das dificuldades do sindicalismo no mundo e no Brasil. Ainda que longas, valem a pena pela percepção que os próprios sindicalistas têm das dificuldades que o sindicalismo brasileiro enfrenta, a primeira matéria, e pelo desenvolvimento que o mesmo tem na China, país tradicionalmente sem grande expressão sindical, a segunda.

Eventos

Simpósio Internacional *O Futuro da Autonomia. Uma Sociedade de Indivíduos?*

"Conceitualizar e debater, em uma visão transdisciplinar, o impacto cultural da autonomia do sujeito nas relações sociais, políticas, econômicas, ecológicas e religiosas". Esse é o objetivo geral do **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, que acontecerá na Unisinos de 21 a 24 de maio de 2007, em uma promoção da Unisinos e da PUC-Rio, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos.

O evento também pretende descrever e refletir sobre o significado e o alcance da autonomia do sujeito para o futuro da política, da economia e da cultura na sociedade da tecnociência. Além disso, quer refletir sobre as possibilidades de uma sociedade de indivíduos autônomos e também discutir os desafios que o futuro da autonomia traz para a reflexão teológica e a experiência religiosa na contemporaneidade. Outro objetivo do Simpósio é analisar possíveis razões do viver em comum a serem dadas pelo indivíduo/sujeito autocriador.

Grandes nomes farão parte da programação do evento, como o Prof. Dr. **Gilles Lipovetsky** e a Prof.^a Dr.^a **Suely**



Rolnik. *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos. Desafios e perspectivas* será o tema discutido pelo Prof. Dr. **Charles Melman**, da Université Paris XIII. Já o Prof. Dr. **Jean-**

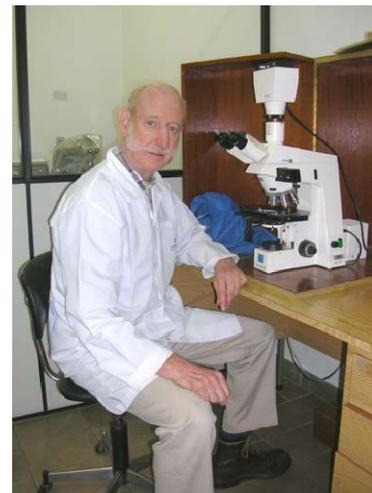
Claude Monod, do CNRS, de Paris, falará sobre A secularização da secularização. Possibilidades e limites do futuro da autonomia. Um rico debate sobre a "Autonomia do indivíduo e o pensamento fraco. Os desafios para uma ética sociopolítica" será conduzido pelo Prof. Dr. **Gianni Vattimo**, da Università di Torino, da Itália. Enquanto isso, o Prof. Dr. **Robert Castel**, da EHESS, de Paris, falará sobre "O futuro da autonomia e a construção de uma sociedade de indivíduos. Uma leitura sociológica".

Confira a programação detalhada do evento no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) e, também, a convocatória nas Notícias Diárias do dia 14-11-2006

IHU REPÓRTER

Edward Benya

Um cidadão do mundo, assim podemos definir Edward Benya, padre jesuíta. Nasceu nos Estados Unidos, mas carrega uma forte lembrança eslovaca. Padre Benya, como é conhecido no câmpus da Unisinos, morou na América Central e em diversos locais do Brasil. Lutando no Vietnã, aprendeu com as diferenças dos povos. Na Unisinos, Padre Benya é pesquisador no Instituto de Pesquisa de Planárias. Conheça um pouco mais dele na entrevista a seguir.



Origens - Sou cidadão americano, de Nova York, mas tenho uma ligação forte com a cultura eslovaca.

Família - Minha família emigrou da Áustria-Hungria para Nova York, no início do século XX. Fui criado em uma colônia de russos, poloneses e eslovacos dos Estados Unidos. Migrei para o Brasil no final da década de 1970 para cursar o Magistério.

América Central - Meu plano era cursar o Magistério e voltar para os Estados Unidos, mas levei muito tempo para receber o visto permanente de imigração. Naquela época, o governo decidia dar ou não o visto enquanto a pessoa morava no país. Recebi uma proposta para trabalhar na América Central, em Belize, que naquele tempo era colônia britânica. Em 1979, o governo brasileiro emitiu meu visto de emigração, mas, primeiramente, não aceitei, pois já estava adiantado no trabalho em Belize, onde tive

muita dificuldade com a mentalidade colonial dos habitantes.

Mudança - Tive dificuldade para motivar as pessoas em Belize. Sempre tive muita preocupação com a barreira da língua. Então aceitei o visto e vim para o Brasil. Comecei a ensinar em uma escola técnica no Espírito Santo. Foi mais fácil lecionar no Brasil, apesar do idioma. O sotaque carioca foi muito difícil para eu entender. Em Teresina, trabalhei como padre em uma paróquia, lecionando em uma escola e em uma casa de retiro. Lecionei Química e Biologia.

Estudos - Estudei na PUC do Rio de Janeiro e me transferi para o Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte para continuar a estudar Teologia. Estudei também um semestre nos Estados Unidos. Fazia cinco anos que não voltava lá e vi o quanto a cultura mudou. Fui para Boston e tive um choque cultural. Já

tinha feito minha graduação antes de entrar na Companhia de Jesus em Genética Quantitativa, com especialização na análise do leite dos bovinos.

Carreira - Visitei a Unisinos quando ainda era aluno de Teologia em Belo Horizonte. Nessa época, já pensava em vir para cá, mas acabei indo para a Bahia. Sempre mantive contato com a Universidade. Por meio de meu superior, em 1995, vim para a Unisinos, passando um semestre aqui e outro na Bahia. Aqui comecei a lecionar na área dos cromossomos (citogenética), na origem morfológica de diversas formas de vida. Eu nunca tinha lecionado nessa área. Fiz um intercâmbio, na época, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul a respeito do método desenvolvido lá. Eu disse ao meu superior que não entendia esse método, e ele respondeu que eu poderia aprender. Ainda me falou para não dizer para ninguém que eu não conhecia. Achei que eles iriam perceber que eu não entendia o método. Na primeira vez, tudo o que podia dar errado neste período, deu errado. Faltou luz, então as centrífugas não funcionaram. Mas no final deu tudo certo.

Identidade - Cresci entre eslavos, nos Estados Unidos. Com 12 anos, entrei em uma escola pública americana e foi quando aprendi o que era ser americano. Percebi que não tinha jeito de americano. Comecei a notar a influência da cultura eslava em mim. Identifico-me como um americano eslovaco, e isso ajuda a entender melhor a minha precedência. Recebi uma bolsa para estudar o primeiro ano do ensino universitário em um colégio de meninos no norte dos Estados Unidos. Foi bem difícil, pois fiquei o tempo todo longe da minha família. Nessa época, acumulei dinheiro porque trabalhei nas férias e pude completar a minha graduação, com a ajuda da

família, na universidade. Fiz minha pós-graduação na University of Florida.

Vietnã - Quando estava na graduação, fui convocado para o serviço militar. O governo deixou-me terminar o curso, mas, na pós-graduação, fui chamado para servir. Fui para o Vietnã, onde fiquei catorze meses. O período de serviço total foi de seis anos, mas fiquei no serviço ativo por 19 meses. A experiência do Vietnã mostrou-me uma realidade diferente, fui muito bem tratado no país. O Vietnã tem um povo realmente complexo, com muita miscigenação. Minha família brinca com o fato de que eu gostei do Vietnã. Quando vemos reportagens sobre desastres naturais e guerras só vemos as partes ruins, o que não é mentira, mas não se mostra as partes boas. Quase sempre visitei lugares pacíficos, mas fomos atacados no país, e quase nunca pudemos revidar, pois havia inimigos entre civis. Não vi nenhuma grande batalha. Acho que foi uma experiência bastante positiva. A dificuldade que tive lá é a mesma que tive aqui, foi o idioma. Não conseguia me comunicar bem com eles.

Brasil - A maior parte do tempo que vivo no Brasil passei no Nordeste do país. Em 1986, fui para Teresina, mas já havia morado no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nesse tempo, no Nordeste, acostumei-me com o clima semi-árido, de como o povo sobrevive e se desenvolve nesse clima. Lá convivi com um grupo de jovens que trabalham nas plantações, onde ensinei sobre os métodos de como plantar e fertilizar e como operar equipamentos que conseguimos. Na primeira safra que colhemos, dividimos o lucro entre nós. Plantamos acerola e tivemos muita sorte.

Amizades - Por natureza eu sou introvertido, mas

aprendi a superar isso. Acordo todo o dia sem o despertador, faço exercícios e vou para a capela. Gosto muito de meditar. Tenho a orientação de meditar. Eu tenho essa tendência monástica, reconheço isso. Às vezes, eu acabo me afastando. Tenho autodisciplina. Também costumo falar muito alto, talvez porque trabalhei muito no campo.

Diferenças - Com a minha experiência no Vietnã e também nos Estados Unidos, como descobri que não sou tão americano quanto pensava, e também na América Central, senti que, ao chegar ao Brasil, fui realmente acolhido. Aqui há muita caridade, isso não me chocou, mas me deixou admirado. O povo brasileiro é muito afetivo.

Horas Livre - Gosto de andar de bicicleta e ler livros de história mundial.

Lembrança - Lembro de uma frase que um jesuíta me disse uma vez: “Tu não tens marca de nacionalidade, mas de uma pessoa do mundo”. Foi uma surpresa ouvir isso. Eu ainda me identifico com as minhas origens eslovacas.

Unisinos - A Unisinos é conhecida por seu trabalho acadêmico. A universidade fomenta a pesquisa e a extensão, além do ensino. Ela é muito conhecida fora do Estado.